

Janelas imaginárias

UM OLHAR PARA A IMAGINAÇÃO DE CRIANÇAS E ADULTOS



POR DEISE PESSI

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA

DEISE CRISTINA VENSON PESSI

JANELAS IMAGINÁRIAS
um olhar para a imaginação de crianças e adultos

CRICIÚMA – SC

2011

DEISE CRISTINA VENSON PESSI

JANELAS IMAGINÁRIAS

Um olhar para a imaginação de crianças e adultos

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Ma. Aurélia Regina de Souza Honorato

CRICIÚMA – SC

2011

DEISE CRISTINA VENSON PESSI

JANELAS IMAGINÁRIAS

Um olhar para a imaginação de crianças e adultos

Trabalho de Conclusão de Curso, aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do grau de licenciada no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC na Linha de Pesquisa Processos e Poéticas.

Criciúma, 30 de novembro de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Aurélia Regina de Souza Honorato – Mestre em Educação - (UNESC) –
Orientador

Prof. Marcelo Feldhaus – Mestrando em Educação - (UNESC)

Prof.^a Rosileine de Fátima Koscianski da Silveira – Mestre em Educação – (UNESC)

Ao ar e os sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é admitir que houve um momento em que se precisou de alguém. Portanto, inicio meus agradecimentos dedicando esta pesquisa a pessoa que foi a maior estimuladora de ações imaginantes durante meu percurso de vida, a alegria da manhã, minha mãe. Sem você, nada seria possível.

Ao universo e todas as suas criaturas, suas insignificâncias e significâncias, as suas conspirações, surpresas e desafios. Todo universo foi importante na construção deste ser até chegar a esta pesquisa e assim por diante.

Ao universo paralelo, meu imaginário. Que sempre trouxe bons momentos, realizou meus sonhos, me fez voar e trouxe os amigos mais incríveis que já conheci. Aqui tudo é possível. Obrigada por me fazer ver o ínfimo e a grandeza, e me deixar oscilar e acreditar que posso ser pequenina e também gigante. Meu olhar é para você.

As crianças por serem as criaturas mais imaginárias e contagiantes com toda sua inocência e pureza. Por acreditarem nos sonhos, nos medos e que latas de sardinha podem virar carrinhos, que lua minguante pode espetar, e que do outro lado da montanha as nuvens podem ser tocadas.

Aos lugares que passei, às pessoas que passaram.

Ao pequeno pássaro preto, Frank, pelo canto, pelos ouvidos e abraço amigo.

À Pituxa e à Jussara, do real para o imaginário, viver no coração dos que aqui ficam não é partir.

À Maria Aparecida, a senhora que surgiu dos ventos e me trouxe poesia e janelas.

Aos amigos e familiares pela força e incentivo. Vocês que não deixam a peteca cair.

Aos colegas de curso, pela troca de conhecimento, pelos finais de tarde que deitávamos na construção da praça para sentir o vento e observar o céu.

Aos mestres que a vida me trouxe.

Aos participantes da oficina, pelos momentos de imaginação individual e coletiva.

A minha companheira de idioleto manoielês, Aurélia. Por compartilhar abridores de amanhecer e esticadores de horizontes. E ao Manoel, pelas nossas doses diárias de poesia.

Como falar de algo que contribui para a vida e não falar dela? Devo agradecer a vida. Ao cotidiano, mas principalmente aos dias de inércia, os dias de verão e as bicicletas pelas ruas, as ondas do mar, a brisa leve no rosto, o cheiro da arruda que nos faz correr, a cor das flores, as nuvens cheias e o céu azul, e aquelas visões a distância que parecem uma coisa e são outras, ao acaso, ao destino, aos problemas, às soluções, aos sonhos que ficam dentro do travesseiro, aos cachorros de rua, as ruas que já existem ou as ruas que criaremos para nos levar nos lugares que ainda não existem, as janelas que se abrem e a imaginação que se liberta e dança com a brisa lá fora e nos convida a viajar.

A quem permitir embarcar nesta viagem.

Obrigada.

“Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor. Outras vezes encontro nuvens espessas. Avisto crianças que vão para a escola. Pardais que pulam pelo muro. Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais. Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar. Marimbondos que sempre me parecem personagens e Lope de Vega. Às vezes, um galo canta. Às vezes, um avião passa. Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino. E eu me sinto completamente feliz. Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem, outros que só existem diante das minhas janelas, e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.”

Cecília Meireles

RESUMO

A pesquisa que deu forma ao meu Trabalho de Conclusão de Curso foi desenvolvida a partir das experiências que trago de meu baú, este material construído por mim é que serve como conteúdo para dialogar com as experiências dos parceiros de pesquisa e autores. Para ambientar e poetizar a pesquisa, foi desenvolvida uma oficina para crianças de zero a mil anos. No decorrer da escrita poderemos observar e sentir como ela aconteceu e também, se nos permitirmos, fazer parte dela. Através de produções artísticas e histórias, é estabelecido um diálogo entre o real e imaginário para que possa-se compreender sua importância no ambiente escolar e na vida, lançando um olhar para a imaginação de crianças e adultos.

Palavras-chave: Imaginação; Arte; Real; Ação imaginante; Vida.

SUMÁRIO

1 - TODA HISTÓRIA TEM UM COMEÇO: DE FRENTE COM A JANELA	10
2 - ABRAM-SE AS JANELAS	14
2.1 Uma pausa para uma história	21
2.2 A história acabou, mas a janela continua aberta	30
3 - UMA JANELA QUE ABRE OUTRAS JANELAS	34
3.1 Percepções a partir da janela imaginária	36
3.2 Eu janela de mim	45
3.3 Exercício de achar desenhos nas coisas	61
4 - CONCLUSÃO – O QUE VI POR ESTAS JANELAS	76
5 – REFERENCIAS	78

1 TODA HISTÓRIA TEM UM COMEÇO: DE FRENTE COM A JANELA

Imaginar. Inovar. Criar. Ser. Estar. Desejar. Recriar. Flutuar. Voar. Mergulhar. Dar asas. Palavras buscam explicar até onde ou o que sente a imaginação humana. Imaginar é mais do que descrever em palavras, antes disso, é sentir. Talvez por isso seja algo tão difícil de descrever, a imaginação é imaginar e transformar poesias.

Sempre fui lúdica, como diria Manoel de Barros “sou da invencionática” (2010, p.48) Quando criança gostava de imaginar, criar e dar novos significados às coisas. Sentava-me em uma grande mesa na sala de casa e espalhava todo tipo de material que recolhia em casa ou pela rua. E assim, passava as tardes depois de ter ido à escola pela manhã. Na época, meu desejo era ser veterinária, os animais eram os meus amigos, brincávamos de escolinha, ensinei todos a ler, escrever e desenhar. Na minha imaginação eles sempre foram inteligentes e providos de uma imaginação fértil. Coisas de criança. Troquei as bonecas pelos cachorros. Eles tinham vida própria e conversávamos pelo olhar, às vezes pelo imaginário. Eu deveria ser um pouco chata para eles, mas sempre que retornava da escola, nossos reencontros eram só amor.

Por que se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. O menino e as árvores. (BARROS, 2010, p. 187)

Eu era a menina e os lápis. A menina e a casinha. A menina e a bagunça. A menina e a cachorrinha. Eu tinha uma comunhão forte com a cachorrinha, de ser uma amiga de verdade. Mas um dia ela se foi, e eu fiquei procurando algo que substituísse essa comunhão. Após alguns anos, o vazio foi preenchido pela comunhão com a imaginação. Através dela eu poderia comungar com criaturas e amigos imaginários. Acredito que parte do meu desenvolvimento artístico com novas criaturas, se dá às ausências e aos devaneios. O poeta que permite seus devaneios

passa a vivê-los. Bachelard diz: “A imaginação é ausentar-se, é lançar-se a uma vida nova” (2001, p.3). Após esse processo de encontrar-se e compreender-se, passei a perceber e aceitar a arte e a poesia como expressão de minha imaginação sonhadora. Já não as via mais como algo dos livros, eu as sentia, apenas não compreendia. A comunhão que eu tinha com as coisas na infância também eram todas de natureza imaginária. Ou seja, tudo sempre foi fruto de uma imaginação sonhadora. Tudo que respiro torna-se uma cor, forma, gosto, cheiro, textura, música,... Às vezes as torno reais, às vezes ficam vagando no país imaginário. Estou certa de que sou uma criatura imaginária. “Quando abro a cada manhã a janela do meu quarto é como se abrisse o mesmo livro numa página nova”. (Quintana, 2009, p.21)

Por ser visionária e lúdica, caçadora de sonhos, de lugares e criaturas imaginárias, resolvi abrir uma janela e olhar para a imaginação de crianças e adultos. Sabemos por experiência que é na infância que a imaginação floresce e que com o passar dos anos e os choques de realidade a imaginação esvai-se aos poucos, e acaba não sendo mais tão presente no cotidiano. Acredito na imaginação como elemento importante na vida do ser humano. Acreditando na importância da prática da imaginação na vida, tenho como propósito nesta pesquisa investigar a possibilidade de existência de uma filiação regular entre o real e o imaginário no cotidiano de crianças e adultos. Faço apropriação do termo *filiação regular*, utilizado por Bachelard (p. 7, 2001), quando fala que um ser privado da função irreal é um neurótico, tanto como o ser privado da função real.

Aprofundando estudos teóricos sobre a importância da imaginação humana; a importância da imaginação na criação artística; os devaneios e memória na imaginação sonhadora; o encontro imanente entre real e imaginário; a desconstrução de estereótipos através da imaginação.

A partir destes temas trago como problema central de minha pesquisa: Qual a possibilidade da existência de uma filiação regular entre o real e o imaginário no cotidiano de crianças e adultos?

Para poder investir e estudar este problema faz-se necessário apontar algumas perguntas norteadoras: Por que a imaginação é fundamental no

desenvolvimento artístico? Como a imaginação vira arte? Qual a importância da imaginação na vida humana? Para que imaginar? Como descrever a imaginação? Até onde a imaginação pode ou deve chegar? Em que momentos o real prevalece sobre o imaginário ou vice-versa? Como desconstruir estereótipos através da ação imaginante? Como dominar o imaginário? O imaginário deve ser dominado? A imaginação pode ser adotada como filosofia? A imaginação é um privilégio humano?

Meus devaneios, histórias e saudades de infância, uma motivação para uma pesquisa sobre a imaginação na vida humana. O ser imaginário, ao longo de sua imaginação sente que somente ela consegue visualizar seus frutos imaginários. Pensando nisso e no bem que a imaginação tem na minha vida, busquei no decorrer desta pesquisa relatar e analisar a contribuição da imaginação na vida de crianças e adultos.

Durante a pesquisa muitas ideias se formaram, uma delas foi construir poéticas e produções a partir de janelas materiais. Então lancei uma pequena campanha na internet, através de e-mails solicitando à sociedade que doassem suas janelas. Em alguns dias uma senhora entrou em contato dizendo que guardava há pouco mais de dez anos algumas abas de janelas e gostaria que fossem reutilizadas, então resolveu doa-las para que eu as usasse em minhas produções e pesquisa. Pensando em estimular a imaginação e observar a presença dela na vida de crianças e adultos utilizo como procedimento metodológico um espaço de oficina. Nesta oficina os participantes puderam usufruir da poética das janelas fazendo produções por meio das linguagens artísticas do desenho e da fotografia. Neste espaço criado observei e registrei as falas dos participantes, seus desenhos e imaginações.

O leitor talvez perceba que apesar de ter figuras no decorrer deste trabalho, não utilizei uma lista de figuras, isto é intencional. A intenção é que cada um que olhar as figuras dê um título a elas. Acredito que se as desse títulos talvez estivesse limitando a imaginação do leitor.

O trabalho aqui presente foge um pouco do cientificamente estabelecido. Dividi-o em três partes: no primeiro capítulo: Abram-se as janelas, apresento um diálogo com diferentes teóricos que, durante suas vidas, dedicaram longo tempo

para pensar a imaginação. No segundo capítulo: Uma janela que abre outras janelas trago a experiência da oficina relatando todas as aberturas imaginativas que ela proporcionou. E o terceiro e último capítulo: O que vi por estas janelas apresenta o meu olhar sobre o que vi do que procurava.

2 ABRAM-SE AS JANELAS

"A imaginação é mais importante que o conhecimento. O conhecimento é limitado. A imaginação envolve o mundo." (Albert Einstein)

Para o homem que conta dinheiro, lucro é imaginação. Para o jardineiro que rega as plantas, florescer é imaginação. Para o artista que pinta telas, pinceladas são imaginação. Para o adulto que trabalha, férias é imaginação. Para a criança que brinca, o real é imaginação. De onde vem, para onde vai, como surge, como parte, o que é e o que faz a imaginação?

O olhar pela janela é um momento de imaginação. Uso esta analogia para iniciar meus pensamentos; entre inspirar e expirar, existem muitas entrelinhas imaginárias. Abro esta janela para que juntos possamos lançar nossos olhares às origens e aos pesquisadores do imaginário. Para que assim, possamos compreender mais sobre ela e sobre nós.

Para Bachelard (2001),

Pretende-se sempre que a imaginação seja a faculdade de formar imagens. Ora, ela é antes a faculdade de deformar as imagens fornecidas pela percepção, é sobretudo a faculdade de libertar-nos das imagens primeiras, de mudar as imagens. (p.01)

Se não houver mudanças, não há imaginação, não há uma ação imaginante. Durante nosso trajeto de vida, um acervo de imagens é armazenado em nosso cérebro, para imaginar buscamos neste acervo uma reinvenção da forma que nem sempre se revela como desejado. Reinventamos, pois somos produtores desta ação imaginante.

Onde o desenho se cria? Haveria um lugar anterior a folha de papel? Um lugar em potência, antes mesmo do primeiro traço? Quantas vezes ensaiamos as linhas, as formas, as palavras, num lugar que ainda não é a folha? O lugar onde o pensamento ganha corpo mínimo se chama desenho. (SACCO¹, 2011)

Para Helene Sacco, o desenho é a origem de todo processo de criação. O desenho por vezes, consegue atingir a capacidade de transformar o imaginário em real. Afinal, o carro, a casa, a cadeira, e a maioria das criações, foram imaginadas e materializadas primeiramente em desenho.

¹ Sacco, Helene. Curadora da exposição Desenhários, do projeto A Galeria de Arte vai a Escola. Fala extraída do DVD "Desenhários", 2011.

Bachelard (2001) diz que o vocabulário fundamental que corresponde a imaginação, não é a imagem, e sim o imaginário. O valor da imagem não está apenas no visual, está nas entrelinhas desta imagem. No que o olhar e a mente proporcionam ao estar em *contato* com a imagem, temos uma experiência além do visível, uma experiência sensorial. Afinal, que graça teria desenhar um carro e não imaginar ele andando, voando ou saltitando? A imagem estável e de sentido único, corta as asas da imaginação. Faz com que nossa imaginação sonhadora decaia, desconstrói nosso senso de liberdade, de poder estar além do que se vê. A imaginação sonhadora não se aprisiona em nenhuma imagem, ela é libertária, utilizando um termo bachelardiano diria uma *imaginação sem imagens*², ela ultrapassa nosso acervo de imagens e busca criar o novo. O novo que não se faz apenas em imagens cria-se mais que imagens. Às vezes elas necessitam de um texto, uma música, um som, uma dança, uma leve brisa. “A imaginação não é um estado, é a própria existência humana” (Blake apud Bachelard, 2001 p.1). Passa então a ser uma espécie de filosofia transformadora.

Vigotski (2010) conceitua:

No cotidiano, designa-se como imaginação ou fantasia tudo o que não é real, que não corresponde à realidade e, portanto, não pode ter nenhum significado prático sério. Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvidas, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica. (p.14)

Neste sentido, a construção cultural e formação de um mundo cultural é produto da imaginação e da criação humana. Diferentemente do mundo da natureza, que está pré estabelecido, ao homem cabe imaginar como interagir com o mesmo e não como criá-lo.

Ribot³ diz que qualquer invenção, seja grande ou pequena:

Antes de firmar-se, de realizar-se de fato, manteve-se íntegra como uma construção erigida na mente, por meio de novas combinações ou correlações, apenas pela imaginação (apud VIGOTSKI, 2010, p.14)

Grande parte das invenções passaram por este processo de imaginação. A imaginação sempre permanece por si só, manifestando-se individualmente ou coletivamente. Quantas imaginações foram necessárias para que uma tocha de

² BACHELARD, 2001, p.02.

³ Ribot, Théodule Armand psicólogo francês (1839-1916).

fogo, posteriormente uma lamparina resultasse em uma lâmpada elétrica? Assim podemos compreender que a atividade criadora é originada da imaginação. Isto não se aplica somente a grandes invenções, está por toda parte, em que o homem imagina, combina, modifica e cria algo novo, mesmo que algo pequeno e para o olhar de muitos, insignificante. Mas a junção de todos esses pequenos pedaços de imaginação individual é que constrói e que contribui para as criações coletivas. Por exemplo, a necessidade humana provoca a reflexão por uma busca de solução, logo o indivíduo imagina de que forma resolveria este problema, e cria possibilidades. Às vezes executa, às vezes deixa apenas no imaginário. Alguém em algum lugar do mundo pode estar procurando a mesma solução, ou quem procura a solução compartilha com outro indivíduo em busca de outras imaginações que possam contribuir e assim vai-se formando este ciclo de imaginação coletiva, denominadas de “imaginação cristalizada” por Ribot. Então, sabe-se lá por quem foram feitas a maioria das invenções. Todos nós já tivemos a sensação de ter imaginado antes algo que se criou há pouco tempo, sabe-se lá quantas mentes imaginaram o mesmo que nós. (VIGOTSKY, 2010)

Mergulhar no imaginário, estar entre as bolhas de imaginação, é poder estar dentro do próprio domínio do imaginário. Não importa se vamos flutuar ou afundar, o que nos importa é o trajeto. O processo, o momento em que acontece a ação imaginante. Isso nos faz refletir, sobre a imanência entre o imaginário e o real. Quero dizer que da mesma maneira que o imaginário afeta o real, o real afeta o imaginário. Mas em que momento podemos ver uma filiação regular entre real e imaginário?

Em suas poesias, Manoel de Barros fala que as coisas insignificantes podem ser maiores do que o significado formal da palavra *insignificantes*, certos ínfimos que aos olhos de muitos não significam nada, aos olhos da imaginação sonhadora tornam-se grandiosas, e ampliam o olhar para uma visão de mundo infinita. Uma cadeira, não é mais apenas uma cadeira. Para quantas coisas serve uma cadeira? Uma cadeira pode servir para mil coisas além do básico sentar. Temos assim olhares libertadores. Manoel diz que “As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis. Elas desejam ser olhadas de azul” (2010, p.302). Assim somos nós também, não queremos ser vistos apenas como meros seres

humanos, temos a necessidade de sermos especiais em algo para alguém. Assim são as coisas, elas nos convidam, a todo o momento, a recriá-las. Desta forma, acontece o processo de criação a partir do imaginário. Como diria Bachelard (2001), buscamos dentro de um baú que fica guardando em nosso interior, o acervo dos itens imaginários para que possamos criar, recriar, ressignificar as coisas. Já dizia o ditado: *Quem não tem cão, caça com gato*. Qual o problema de sair para caçar com um gato? Certa vez pensei em caçar um beija-flor com a câmera fotográfica. Este era um sonho desde a infância, caçar um beija-flor com a câmera fotográfica para presentear meu pai que gosta de pássaros. Fiz algumas tentativas sem sucesso. Eu poderia buscar uma imagem em revistas ou na internet, mas que sabor teria uma fotografia de um beija-flor que não era o que vinha beber nas flores de nosso quintal? Eis que um dia, consegui capturar o beija-flor. A menina que não sabia muito sobre técnicas fotográficas, mas que imaginava capturar o beija-flor para presentear o pai, agora corria com uma câmera Yashica⁴ entre os devaneios causados pela captura com um beija-flor que tinha sabor de infância e sonho. E falando em sonho peço licença ao leitor neste momento para contar uma história:

Existe um menino chamado Tavinho, ele é um menino sem imaginação. Fiquei a imaginar como eu seria sem imaginação na idade de Tavinho. Você já se imaginou sem imaginação? Para ele, imaginação “é a aptidão para representar objetos ausentes e combinar imagens”, dizia não ter imaginação e não ligar a mínima para isso. Dizia que todas as pessoas não tinham alguma coisa mais ainda assim eram felizes, como a Maria a empregada que não tinha estudo, mas era a pessoa mais alegre que conhecia. No quarto de Tavinho, existem duas televisões. O menino gosta tanto de assisti-las que deu nome para as tevês, uma se chama Babá e a outra “Plim-plim”.⁵ O garoto atribui a falta de imaginação as tevês. Disse que é mais fácil e melhor ver tudo pela telinha. E que é capaz de desenhar e descrever objetos ausentes, desde que já tenha visto eles antes. O menino se abastecia com as imagens da televisão. Às vezes o menino ficava surpreso, pois a irmã contava que conseguia imaginar coisas que para ele era impossível: como por exemplo imaginar a turma do colégio na sala de aula fazendo prova e toda ela com a sua própria cara. Era algo que a televisão com toda sua tecnologia seria incapaz de

⁴ Modelo e marca de câmera fotográfica analógica utilizada na época.

⁵ O grifo é do autor do livro *O menino sem imaginação*. Carlos Eduardo Novaes.

reproduzir. Mas isso não incomodava muito Tavinho, até o dia que todas as emissoras de TV pararam de funcionar e o Brasil inteiro virou um caos... era impossível viver sem TV! Então o menino sem imaginação e sua família, obrigados a viverem sem a telinha, tiveram que mudar seu dia-a-dia. Então o garoto Tavinho se vê obrigado a fazer sua imaginação funcionar aprendendo a imaginar criativamente sem as imagens da TV. A família tornou-se mais próxima e afetuosa, no lugar da sala de TV havia livros. O menino e toda sua família passou por um processo de desintoxicação televisual das imagens armazenadas durante anos assistindo televisão. Porém, um dia quando o menino já desintoxicado, as emissoras voltam a funcionar. Mas, para Tavinho, isso não tem mais importância, agora ele tem imaginação criadora, não precisa mais de tantos televisores.

Tavinho é um personagem do livro *O menino sem imaginação* de Carlos Eduardo Novaes, e resolvi torná-lo real nesta escrita para provocar devaneios e reflexões a partir da idéia de não se ter imaginação.

O fato é que a televisão é capaz de sufocar a imaginação das pessoas. Provocando certo empobrecimento cultural, impedindo o poder e as maravilhas que a imaginação criadora tem em nossas vidas. Em segundos, milhares de informações são absorvidas pelas pessoas sem que elas parem para refletir sobre o que estão assistindo. Novaes (1996) diz que “é muito mais fácil formar um telespectador do que um leitor”. Entretanto Girardello (2005) defende que a televisão enquanto meio, por si só não é prejudicial à imaginação da criança, mas terá efeitos tóxicos ou benéficos sobre ela dependendo de seus conteúdos e linguagens, do contexto da recepção e da qualidade geral da vida da criança.

Portanto na educação devemos considerar a importância da imaginação infantil, numa perspectiva integrada aos demais processos cognitivos, afetivos e sócio-culturais. Do contrário, teremos crianças com a mesma dificuldade de Tavinho.

Quando falo em ação imaginante, os livros são grandes provocadores. Por isso a importância da leitura interpretativa nas escolas. Em casa podemos aprender a ler, mas é na escola que acontece o estímulo maior para que se interprete o que se lê. A interpretação varia a cada pessoa, cada qual com seu acervo no baú das coisas imaginárias. E assim, dá-se a origem das criações.

As pessoas grandes aconselharam-me a deixar de lado os desenhos de jibóias abertas ou fechadas e a dedicar-me de preferência à geografia, à história, à matemática, à gramática. Foi assim que abandonei, aos seis anos, uma promissora carreira de pintor. Fora desencorajado pelo insucesso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2. (Saint-Exupéry, 2004, p.10)

Ainda falando em leitura e escola, Saint-Exupéry e o seu Pequeno Príncipe nos fazem lembrar que leitura interpretativa não são somente palavras, podemos também fazer leitura de imagens. O que estimula o imaginário, e a parte mais importante do mesmo, o trajeto, aquilo que vaga entre a imagem vista e as experiências que guardamos. Quando o avião relata sua experiência com seu desenho número 1 e 2 está falando do início de sua vida imaginária criativa e sonhadora. Se é na infância que a imaginação floresce, é exatamente ali que ela deve ser contemplada em sua magnitude. Para que esta raiz seja firme e ao longo dos anos não deixe de imaginar e acreditar que um óbvio chapéu pode ser uma jibóia com um elefante dentro. A nós professores, cabe a tarefa de mostrar que uma flor pode ser colorida e as folhas transparentes, ou do jeito que imaginou. O ensino da arte, não tem sentido se todas as coisas estiverem prontas e com um único resultado. A arte é múltipla, para ela não existe o certo e o errado.

Durante o processo de pesquisa, coletei algumas falas de crianças e adultos sobre o que é imaginação e qual sua importância em suas vidas. Em um destes vídeos, participam duas meninas, uma de cinco e outra de dois anos e o tio das meninas. Durante a conversa o tio diz

— *“Quando alguém fala assim ‘ei seu cabeça de bode’, tu imagina uma pessoa com cabeça de bode?”*, a menina mais velha achou engraçado, expressou um sorriso no rosto e os olhos viraram-se para cima, como se naquele momento imaginasse alguma criatura com uma cabeça de bode. A menina mais nova achou engraçado, soltou um riso e repetiu *“Cabeça de bode!”*.

Entre a timidez pela situação de estarem em frente a uma câmera de vídeo, pude perceber através da expressão corporal e do riso que naquele momento havíamos provocado uma ação imaginante nas pequeninas. A pausa após a fala, os olhos pensativos e brilhantes e as risadas, foram até o país do imaginário buscar uma imanença entre o imaginário e o real. E lá dentro, onde não poderíamos ver

havia formada uma imagem de uma criatura com cabeça de bode. E pelas risadas parecia divertida.



Ilustração 01 - Este é o cabeça de bode imaginado pela pesquisadora

2.1 – Uma pausa para uma história

Por falar em criança, gostaria de mais uma vez pedir licença ao leitor, mesmo que já tenha contado algumas histórias, para compartilhar uma história que todas as crianças já devem ter vivido e guardam com saudade no baú da imaginação. A história do livro *The Velveteen Rabbit*⁶ – *Como os brinquedos se tornam reais*.



Ilustração 02 – por dpessi

Certa vez havia um coelho de pelúcia, ele era lindo. Seu pelo era marrom e branco, e ele era muito macio. Ele tinha bigodes e suas orelhas eram forradas de cetim cor-de-rosa. Este coelho pertencia a um menino, que brincou com ele por pelo menos duas horas. Depois esqueceu o coelho, pois havia ganho muitos presentes no natal. O coelho passou a viver no fundo do armário de brinquedos, ninguém mais lembrava do coelho. Ele era um coelho tímido e feito de pelúcia, alguns brinquedos mais caros faziam pouco caso dele. O trezinhos de ferro era muito convencido e se

⁶ O livro consultado *The Velveteen Rabbit – or how toys become real*, de Margery Williams original está em inglês e a tradução foi feita pela pesquisadora.

vangloriava de ser real. Mas o Coelho não podia afirmar ser um modelo de qualquer coisa, ele não sabia que existiam coelhos reais. Ele achava que todos eles eram recheados com serragem como ele mesmo. Entre todos os brinquedos o pobre Coelho se sentia muito insignificante – ele não conhecia Manoel de Barros – e comum, e o único brinquedo que parecia simpático era o cavalo de pele. O cavalo de pele vivia a muito mais tempo no quarto das crianças do que os outros brinquedos. Ele era tão velho que tinha falhas, remendos e a maioria dos pelos de sua calda já haviam sido arrancados. Ele era sábio, pois viu muitos brinquedos mecânicos chegarem se gabando, e um a um quebrar suas molas e acabarem-se. Ele sabia que eles eram brinquedos, e nunca se tornariam qualquer outra coisa. Pois a mágica do quarto de criança é muito estranha e maravilhosa, e somente aqueles brinquedos que são velhos e sábios como o Cavalo de pele, compreendem tudo isso.

– “O que é real?” perguntou o Coelho um dia. “Significa ter coisas que zumbem dentro de você e uma manivela saliente?”

– “Real não é como você é fabricado”, disse o Cavalo de pele. “É algo que acontece com você”.

– “Quando uma criança o ama por um longo, longo tempo, não apenas para brincar com você, mas realmente ama você, então você se torna real”.

Em nossa infância o verdadeiro encantamento estava no trajeto, não importava do que eram feitos nossos brinquedos, e sim o significados que dávamos a eles, as histórias que criávamos, os momentos em que aconteciam, o brinquedo que tornava-se um amigo.

– “Isso não acontece tudo de repente... Você transforma. Demora um longo tempo. Por isso não acontece freqüentemente com pessoas que se quebram facilmente, ou que têm bordas afiadas, ou que têm que ser guardadas com cuidado”.

– “Geralmente, quando você se torna Real, a maior parte de seu cabelo foi arrancada, e seus olhos caem e você se torna frouxo nas juntas e muito surrado”.

“Mas estas coisas não importam no entanto, porque uma vez que você é real, você não pode ser feio, exceto para pessoas que não compreendem”.

Para a mãe que pede ao filho que deixe o brinquedo de canto e vá sozinho ao passeio, o brinquedo é algo insignificante. Para a criança aquele ínfimo brinquedo pode fazer parte do grande universo como se fosse seu primo. Mas às vezes, pessoas como ela não compreendem, pois esqueceram-se de sua infância ou perderam a imaginação como Tavinho, o menino sem imaginação.

O coelho então pensou que o cavalo era real, pelo estado em que se encontrava. O cavalo apenas sorriu, e disse que a há muitos anos atrás, o tio do menino o tornou real. E isso dura para sempre. O coelho suspirou, pensou que um longo tempo passaria antes que esta mágica chamada Real acontecesse com ele. Ainda que a ideia de perder os seus olhos, bigodes e ficar surrado era triste, ele ansiava tornar-se real, para sentir como seria. O coelho Velveteen era um brinquedo que não queria mais ser visto por pessoas razoáveis.

O quarto do menino era arrumado por uma mulher chamada Nana, ela passava como se fosse o vento e jogava todos os brinquedos dentro do armário. Ela chamava isso de “arrumado”, mas os brinquedos odiavam isso, principalmente os de lata. Mas o coelho não se importava, ele era macio.

Uma noite o menino não conseguia dormir por que não encontrava o cachorro de porcelana, que dormia com ele todas as noites. Então Nana, foi até o armário e puxou o coelho para que substituísse o cachorro nesta noite. Naquela noite, e por muitas noites depois o coelho de pelúcia dormiu na cama do menino. No início ele achava desconfortável, porque o menino o abraçava forte, e às vezes rolava sobre ele. E ele tinha saudades das conversas com o cavalo durante as horas de luar no quarto das crianças, enquanto toda a casa estava silenciosa.

Quantos de nós já imaginamos que nossos brinquedos conversam enquanto não estamos olhando ou dormindo? Às vezes imaginamos que eles falam conosco, porque não conversarem entre si? Será que quando estamos deitados em nossa cama, prontos para dormir, as nuvens estão conversando lá fora? E as plantas, será que elas têm voz e só nós não escutamos? Durante toda minha infância acreditei que minha cachorra também imaginava. Volto a dizer e concordar

com Bachelard (2001), que o encantamento e o prazer do imaginário não está no início e no fim, esta no trajeto, na história, no momento em que a imagem não é apenas uma imagem, ela passa a ter som, forma, gosto e cheiro.

Quando o menino dormia, o coelho se aconchegava e sonhava, entre as mãos do menino a noite toda. E assim o tempo passou, e o Coelhoinho estava muito feliz que nem se dava conta que seu pêlo bonito estava ficando gasto, e o rabo começava a se descosturar, e seu nariz rosado desbotava onde o menino o beijava.

A primavera chegou, e o menino e seu companheiro coelho passavam os dias no jardim vivendo histórias da imaginação do menino. Uma vez o menino esqueceu o coelho no jardim e Nana teve que ir procurá-lo pois o menino não conseguia dormir preocupado com o coelho. Ele estava molhado e sujo, Nana resmungou: "Você tinha que ter seu velho Coelho! E pensar que todo esse rebuliço por um brinquedo!". "Dê-me meu coelho! Você não deve dizer isso. Ele não é um brinquedo. Ele é Real!"

Os adultos esquecem-se das pequenas importâncias.

Quando o Coelho ouviu o menino sentiu algo diferente, pois ele soube que o que o Cavalo de Pele tinha dito era verdade. A mágica do quarto das crianças havia acontecido, e ele não era mais um brinquedo. Ele era real. Naquela noite não conseguia dormir de tanta alegria, seu coração de serragem parecia que iria estourar. E na manhã seguinte seus olhos de botão que tinham perdido o brilho, aparentavam um olhar de sabedoria e beleza.

O verão chegou, e no bosque perto da casa, durante longas tardes eles brincaram. Uma tarde, o Coelho estava sentado lá sozinho, observando as formigas. – Talvez, assim como Manoel, estivesse infantilizando formigas e seguindo as escritas do Tratado das Grandezas do Ínfimo. – De repente, ele viu dois seres estranhos saírem lentamente das samambaias. Eles eram coelhos como ele, porem mais peludos e novos. Mudavam de formato numa maneira estranha quando se moviam; num minuto estavam compridos e magros e no minuto seguinte, gordos e rechonchudos, em vez de sempre ficarem a mesma coisa como ele.

"Por que você não se levanta e brinca conosco?", um deles perguntou.

_ "Eu não tenho vontade", disse o Coelho, pois ele não quis explicar que não tinha um mecanismo de corda.

_ "Eu acho que você não pode!"

_ "Eu posso! Eu posso saltar mais alto que qualquer coisa". Ele se referia a quando o Menino o jogava, mas não queria dizer isso.

_ "Você pode pular nas suas patas traseiras?"

Aquela era uma pergunta terrível, porque o Coelho de Pelúcia não tinha patas traseiras de jeito nenhum! Ele ficou sentado imóvel nas samambaias, e esperava que os outros coelhos não notassem.

_ "Eu não quero!" ele disse outra vez.

Mas os coelhos selvagens tinham olhos afiados. E esse esticou seu pescoço e olhou. "Ele não tem patas traseiras", e ele começou a rir.

_ "Eu tenho! Eu tenho pernas traseiras! Estou sentando nelas"

_ "Então estique-as e mostre-me, assim!" e ele começou a rodopiar e dançar.

_ "Eu não gosto de dançar. Eu prefiro sentar quieto!"

Mas o tempo todo ele estava louco para dançar, porque ele foi tomado por um novo sentimento engraçado como uma cócega, e ele sentiu que daria qualquer coisa no mundo para poder pular como aqueles coelhos. O estranho coelho parou de dançar, e chegou bem perto.

_ "Ele não cheira bem! Ele não é nenhum coelho! Ele não é real!"

_ "Eu sou real! Eu sou real! O Menino disse!" E quase ele começou a chorar.

Naquele instante ouvia-se o som dos passos do Menino, então os dois coelhos sumiram. O Coelhoinho ficou triste, queria brincar com eles. Por muito tempo ele ficou sentando e quieto, olhando para as samambaias. Assim como Manoel o

coelho precisava de ficar pregado nas coisas vegetalmente e achar o que não procurava. (2010, p.323).

Passaram-se semanas, e o Coelhoinho se tornou muito velho e surrado, mas o Menino o amava do mesmo. Ele o amava tanto, que amava a falta de todos os bigodes, e o forro cor-de-rosa de suas orelhas ficou cinza. Ele até começou a perder o seu formato, e ele quase não parecia mais um coelho, exceto para o Menino. Para ele, ele era sempre bonito, e isso era tudo com que o Coelhoinho se preocupava. Ele não se importava com sua aparência para outras pessoas, porque a mágica do quarto das crianças o tinha tornado Real, e quando você é Real, o desgaste não importa.

Quantas vezes nossas viagens imaginárias tiveram suas asas quebradas. A beleza e o encantamento de ser real é a mesma que sentimos quando somos amados por nossos amigos. Para o menino, o Coelho era seu amigo. “Poesia não é para compreender, mas para incorporar” (Manoel de Barros, 1990, p.212). Poderia dizer que a imaginação é matéria de poesia.

E então, um dia, o menino ficou doente. Pessoas estranhas vinham e entravam no quarto de crianças, e durante todo o período o Coelhoinho vigiava e nunca se movia. O menino estava doente demais para brincar, mas ele sabia que o menino precisava dele. E enquanto o menino estava sonolento o Coelhoinho chegava bem pertinho do travesseiro e susurrava todo tipo de planos encantadores para quando o Menino estivesse recuperado de novo.

Finalmente, a febre baixou, e o Menino melhorou. Ele podia se sentar na cama e olhar os livros de desenhos, enquanto o Coelhoinho se abraça bem ao lado dele. Ele estava melhorando, até iria fazer um passeio a praia, só precisava obedecer às ordens do médico. O quarto ia ser desinfetado, e todos os livros e brinquedos com quais o Menino tinha brincado na cama deviam ser queimados.

_"Hurrah!" pensou o Coelhoinho, "Amanha nós vamos à praia!"

Naquele momento Nana se deu conta dele.

_"E o seu velho Coelhoinho?"

_"Aquele?" disse o médico. "Por que? (Ora!) É uma bolha de germes de escarlatina! - Queime-o imediatamente. O que? Absurdo! Dê-lhe em novo. Ele não deve ter mais aquele!"



Ilustração 03 – por dpessi

E assim o coelho foi levado ao jardim, dentro de um saco de lixo junto as demais coisas do quarto do menino. Naquela noite o menino dormiu num quarto diferente, e ele tinha um coelho novo para dormir com ele e nem deu importância a isso, pois na manhã seguinte iria à praia. Enquanto o garoto dormia, o coelhinho estava deitado entre os livros de ilustrações e sentia-se solitário nos fundos do jardim. Ele podia ver os pés de framboesa, em cujas sombras ele havia brincado com o menino em manhãs passadas. Ele parecia ver os canteiros de flores, as tarde quietas no bosque quando ele deitava entre as samambaias e as formiguinhas corriam por cima de suas patas; o dia maravilhoso em que pela primeira vez ele descobriu que era real. Ele lembrou do cavalo de pele e tudo que ele havia dito. E uma lágrima real escorreu pelo seu nariz surrado de veludo e caiu no chão. E então algo maravilhoso aconteceu. Pois onde a lágrima havia caído cresceu uma flor

misteriosa. Ela era tão bonita que o coelhinho esqueceu-se de chorar, e ficou sentado admirando-a.

E mais uma vez assim como Manoel o coelho precisava ficar pregado nas coisas vegetalmente e achar o que não procurava. Ele não imaginava que o menino lhe abandonaria um dia, tão pouco que seria abandonado no jardim. Mas, certos imprevistos imaginários também nos proporcionam momentos mágicos.

De repente, a flor desabrochou e uma linda fada saiu dela. Ela chegou perto do coelhinho e pegou em seus braços e beijou em seu nariz de pelúcia que estava todo úmido de chorar.

_"Eu sou a Fada Mágica do quarto das crianças. Eu cuido (tomo conta) de todos os brinquedos que as crianças amam. Quando eles estão velhos e gastos, e as crianças não precisam mais deles, então eu venho e os levo embora e os torno Reais."

_"Eu não era Real antes?"

_"Você era Real para o Menino, porque ele o amava. Agora você será Real para todo mundo."

E ela o segurou em seus braços e voou com ele para dentro do bosque. A noite toda a floresta estava linda, e as folhas das samambaias brilharam como prata coberta de gelo. Que relato mágico, já imaginou ver folhas brilharem como prata com a luz do luar? Manoel⁷ cita Bachelard e complementa que a invenção é um negócio do subconsciente, a imaginação criadora é que busca lá no baú da infância, é no pequeno baú onde ficam guardadas, as nossas primeiras sensações, os primeiros cheiros que você sente, os primeiros ruídos de folhas caindo ou do vento, tudo é formado na infância. Para o coelhinho, a lua brilhou em prata nas folhas.

Na clareira aberta entre os troncos das árvores os coelhos selvagens dançavam, mas quando viram a fada eles pararam de dançar e ficaram observando-

⁷ No DVD Só dez por cento é mentira: a desbiografia oficial de Manoel de Barros. Produtora: Deslimite Filmes / Artesanato Eletrônico. São Paulo, 2009.

a. *Pedi aos coelho que acolhessem o novo amigo e lhe ensinassem tudo que ele precisava saber na terra dos coelhos. E ela o beijou novamente.*

“Corra e brinque”

Mas o coelhinho sentou e ficou parado por um instante. Pois quando ele viu todos os coelhos selvagens dançando em volta dele se lembrou das patas traseiras, e ele não queria que eles vissem que ele era fabricado em uma só peça. Ele não sabia que quando a fada o beijou aquela última vez ela o tinha mudado completamente. Em vez de pelúcia desbotada ele tinha pêlo marrom, macio e brilhante, suas orelhas se contraíam sozinhas, e seus bigodes eram tão longo que eles roçavam a grama. Então ele deu um pulo de alegria por ter patas traseiras, e ficou dançando e rodopiando como os outros coelhos.

O outono e o inverno passaram. E na primavera, enquanto o menino estava fora brincando no bosque, dois coelhos saíram lentamente e o espiaram. Um era marrom e em volta do seu pequeno nariz macio e seus olhos pretos redondos havia algo familiar, e assim o menino pensou: Ora, ele parece exatamente com meu velho coelho que se perdeu quando eu tive escarlatina! - Mas ele nunca soube que era realmente seu próprio coelho que voltou para olhar a criança, que pela primeira vez tinha lhe ajudado a ser real.

O amor do menino tornou o coelho real. A imaginação sonhadora do coelho o tornou real. Cada um dos muitos personagens que povoam o armário de brinquedos do berçário é uma personalidade distinta e divertida.

A interação de uns com os outros, sejam animais, humanos ou brinquedos, criam um novo mundo, onde encontram algo que buscam, seja uma aventura, um amigo perdido, um escape para o fluir e fruir da imaginação sonhadora.

Apesar de trazer um exemplo de imaginação de um animal na literatura, temos que lembrar que a literatura é uma linguagem da arte, e é uma obra que expressa a visão do autor sobre a imaginação. Pode-se dizer que é uma metáfora usada para explicar a imaginação humana.

2.2 – A história acabou, mas a janela continua aberta

No artigo de Girardello (2005), encontrei um fenômeno que Eva Brann chama de *transparência da imaginação*, em que “*recebemos de olhos abertos o mundo à nossa volta, ao mesmo tempo que projetamos sobre ele as cenas interiores de nosso olho mental*”.⁸ Temos a sensação de algo que nunca está presente, sendo essa uma atividade característica da imaginação.

O devaneio se contenta em transportar-nos alhures, sem que possamos realmente viver todas as imagens do percurso. O sonhador deixa-se ir à deriva. (BACHELARD, p. 4, 2001)

Para Bachelard, é necessário que se encontre uma imanência do imaginário no real. Um ser privado do sentido irreal é um ser neurótico, tanto quanto o ser privado do sentido real. Podemos dizer que o irreal repercute sobre o real. Se o processo imaginário não fluir, a própria percepção torna-se bitolada. Portanto, devemos encontrar uma filiação regular do real ao imaginário.

O homem sonha com a liberdade. Quando chegamos ao mundo, devemos nos habituar ao existente para sobreviver no mundo dos homens. Porém podemos criar um mundo paralelo a este, assim alcançaremos maior liberdade através da imaginação e da percepção poética.

A arte é matéria de formação cultural. A arte cria sentidos para ler o cotidiano. Por meio dela, janelas se abrem e nossos olhos lançam nossa cultura sobre a cultura que está lá fora e nos convida a participar dela, direta ou indiretamente. Como descobriu Manoel, as coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis, elas nos convidam a transcender a realidade, abrindo frestas para a imaginação criadora.

Ainda falando em imaginação coletiva, podemos dizer que uma obra de arte é uma manifestação dos significados que um determinado coletivo atribui ao viver em grupo. Se a arte é matéria de formação cultural, o homem como produtor de cultura, neste caso um artista, se vale da matéria construída socialmente, a cultura. Desde modo, a arte esta ligada ao processo imaginário coletivo. O artista é como um filtro, ele capta no cotidiano a poética cultural e a transforma em obra. Ao

⁸Eva T.H.Brann,*The World of Imagination: Sum and Substance*, p.776.Rowman & Littlefield, Maryland,1990. Grifo meu.

socializar seus trabalhos, sensibiliza, pois em algum lugar no meio de todos, sempre terão as pessoas que participaram do momento imaginário e sentiram que aquela obra também faz parte dela. A arte é como o sol que nasce ou se põe, bate na água e reflete de várias formas. Às vezes é como estrela do céu que cai no mar e acaba virando estrela do mar. Às vezes é possível ver brilhos de luz no fundo do mar. Observe as coisas sem ser razoável, verá que a arte está por toda parte. A sua imaginação é maior que conhecimento, assim dizia Albert Einstein.

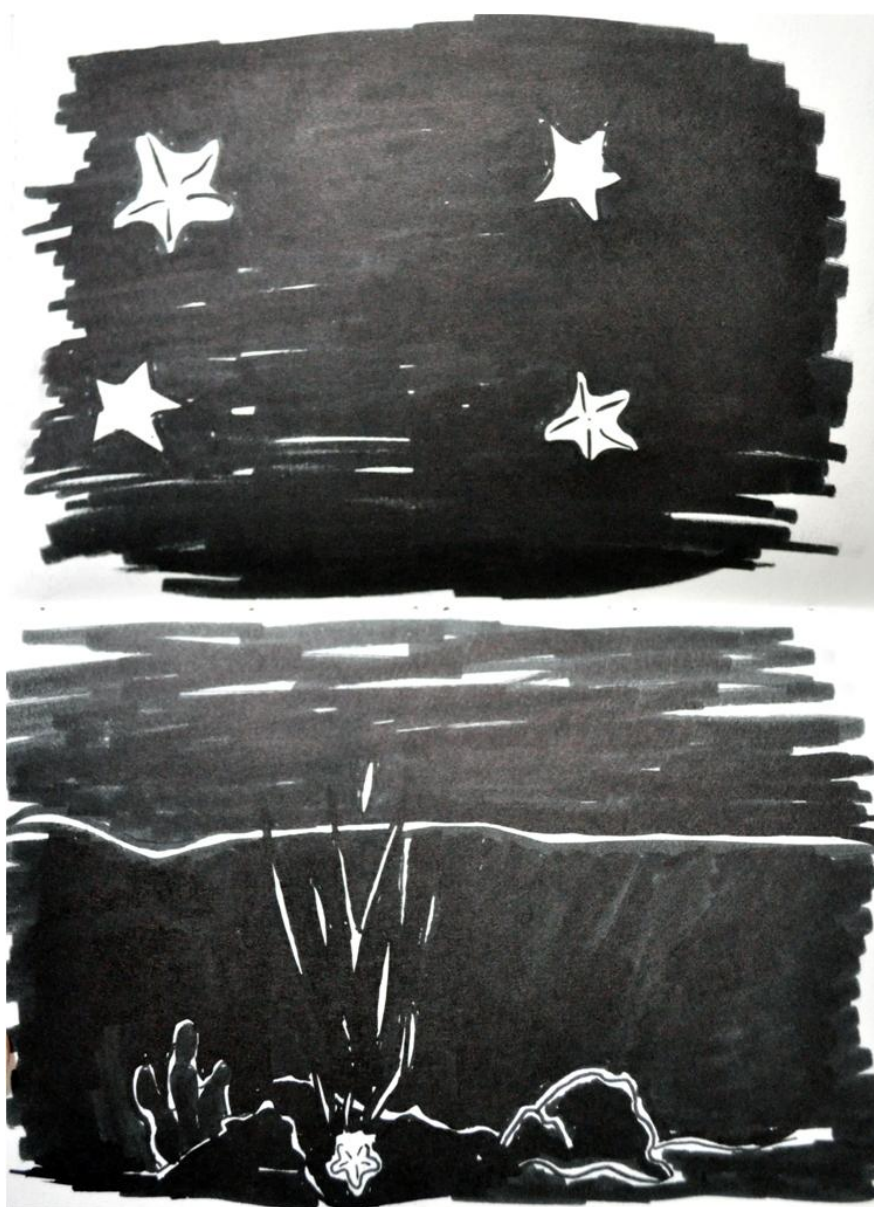


Ilustração 04 – por dpessi

Uma obra a partir do século XIV, período do Renascimento, época em que os ateliês estabeleciam regras precisas só seria considerado um verdadeiro mestre quando apresentasse, de acordo com outros mestres, uma obra inteiramente se sua autoria, que pudesse ser considerada perfeita, demonstrando assim o domínio de todas as técnicas necessárias (COLI, 2007)

Com o tempo, aproximadamente no século XX, este conceito foi mudando. O mito da inspiração genial do artista foi se desfazendo e transformando-se num conceito de arte como forma de expressão criadora, fruto dos demais saberes e da visão de mundo dos artistas. Por exemplo, quando falamos em Marcel Duchamp, o artista francês que levou para um museus um urinol, assim como todos os outros encontrados em banheiros. O que Duchamp pretendia com esta obra, não era valorizar o design do mictório, ele queria provocar o público culto levando-o a reconhecer que um objeto só é artístico por que foi aceito como tal pela competência de museus, críticos, entre outros. É a própria arte dando a ver que qualquer objeto aceito como arte, torna-se arte. (COLI, 2007).

Desta maneira Duchamp provocou uma ação imaginante, a obra não é mais o objeto, ela está no sujeito com toda sua experiência e memória. O artista Hélio Oiticica no seu trabalho “propor propor” provocava também uma ação imaginante quando propõe em seu trabalho *propor um propor*, assim não só a obra, mas a própria arte se propõe e provoca uma ação proponente. Voltamos a fala de Manoel quando diz que as coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis. O avanço da tecnologia, as toneladas de imagens despejadas em nossa mente, o próprio desenvolvimento da arte, nos deixa claro que as coisas exigem um olhar significativo e sensível sobre elas. Como nos fala Yoko Ono: *Criar não é tarefa do artista. Sua tarefa é de mudar o valor das coisas.*⁹

Neste sentido, cito o movimento Fluxus¹⁰, que traz a arte de aproximada para a vida. O movimento fluxus traduz uma atitude diante do mundo, do fazer artístico e da cultura que se manifesta nas mais diversas formas de arte: música, dança, teatro, artes visuais, poesia, vídeo, fotografia e outras. Rompem as barreiras

⁹ Citação de Yoko Ono retirada dos manuscritos de Helio Oiticica, *Experimental o Experimental*, NYC, 22 de março de 1972. Pag.1

¹⁰ Originado na década de 60, o movimento Fluxus traduz uma atitude diante do mundo, do fazer artístico e da cultura que se manifesta nas mais diversas formas de arte.

entre arte e não arte, dirigindo a criação artística às coisas do mundo, seja à natureza, seja à realidade urbana, seja ao mundo da tecnologia.

Com base nesta fundamentação, e por acreditar que a imaginação exige uma expressão por meio da linguagem da arte, escolhi o desenho e a fotografia como linguagem e desenvolvi uma proposta de oficina que veremos no próximo capítulo.

3 UMA JANELA QUE ABRE OUTRAS JANELAS

Compreendo a pesquisa científica pelo que coloca a autora Minayo (2009, p. 16) “[...] a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade”. Em outras palavras “pesquisa é a busca sistemática de soluções, com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a qualquer área do conhecimento humano” (ZAMBONI, 2006, p. 50).

Vejo também a necessidade da metodologia para a realização de um projeto de pesquisa, pois “Mais que uma descrição formal dos métodos e técnicas a serem utilizados, indica as conexões e a leitura operacional que o pesquisador fez do quadro teórico e de seus objetivos de estudo.” (MINAYO, 2009, p. 46).

Esta pesquisa intitulada “Janelas Imaginárias – um olhar para a imaginação de crianças e adultos” busca qual a possibilidade da existência de uma filiação regular entre o real e o imaginário na vida. Minayo (2009, p. 16) nos fala que: “Toda investigação se inicia por uma questão, por um problema, por uma pergunta, por uma dúvida.” Zamboni (2006, p. 59) também coloca que “Toda e qualquer pesquisa só existe em função da existência de um problema, pois o principal papel da pesquisa é dar repostas a problemas identificados como tal”. Desta forma, não haveria pesquisa se não houvesse vontade de descoberta.

Essa pesquisa tem como objetivo geral investigar a possibilidade de existência de uma filiação regular entre o real e o imaginário na vida. Propondo como objetivos específicos, pesquisar a importância da imaginação humana; Entender a importância da imaginação na trajetória escolar; Pesquisar a importância da imaginação na criação artística; Encontrar uma imância entre real e imaginário; Desconstruir estereótipos através da imaginação sonhadora.

O presente trabalho está inscrito na Linha de Processos e Poéticas do Curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, onde se encontram os projetos que abordam criação, Fazer, Linguagens no campo da educação. Fundamentos históricos, tecnologias, elementos e processos de criação, reflexão e poéticas das artes visuais.

Esta pesquisa é classificada de natureza básica, que objetiva gerar

conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais.

Quanto à forma de abordagem do problema é numa perspectiva qualitativa que “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. (MINAYO, 2009, p. 21), pois nesse caso não há preocupação com representações numéricas.

Do ponto de vista dos seus objetivos, classifica-se como pesquisa descritiva, tem como objetivo primordial a descrição das características de determinadas populações ou fenômenos. Uma de suas características está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática. Enquanto aos procedimentos técnicos classifica-se por pesquisa de campo, visando a procura aprofundada de uma realidade específica. É basicamente realizada por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevista com informantes para captar as explicações do que ocorre naquela realidade.

Com base nesta fundamentação, e por acreditar que a imaginação exige uma expressão por meio da linguagem da arte. Escolhi o desenho e a fotografia como linguagem e desenvolvi uma proposta de oficina. O desenho por ser o primário de toda criação imaginária, tudo que imaginamos forma uma imagem em nossa mente, o lugar onde o pensamento ganha corpo mínimo se chama desenho. A fotografia por capturar a imagem mais aproximada da dos olhos e pela reprodução, o poder de compartilhar a mesma imagem, e olhá-la e resignificá-la a cada novo olhar.

A oficina intitulada *Eu janela de mim*, foi lançada e aberta para inscrições no dia seis de outubro de 2011, poderiam se inscrever crianças de zero a mil anos (crianças e adultos). A diferença de idades e vivências foi proposital, acredito que a cultura de um indivíduo causa estranhamentos e amplia a cultura do outro. Ainda que a imaginação esteja presente em nossas vidas desde a infância, nascemos com ela, busco perceber se, mesmo com o crescimento, ela ainda é usada como estímulo e condição benéfica para a vida do ser humano. Datada para o dia quatorze de outubro de 2011, foi planejada no sentido de romper barreiras entre arte e não arte, dirigindo a criação artística às coisas do mundo e principalmente provocando

ações imaginantes. A oficina teve como propósitos estimular a imaginação criadora e sensível, descobrir nossas janelas, visitar as crianças escondidas nos quintais da infância, fazer exercícios de encontrar coisas, e descobrir como nossa mente pode ser um projetor de slides. Foi organizada e desenvolvida em uma seqüência de três momentos que relatarei a seguir em sua ordem. Para cada momento selecionei as produções e falas que cabem melhor a esta pesquisa.

Iniciei a oficina com uma breve apresentação, explicando o porquê do nome “Eu janela de mim”. Nós podemos ser janelas, os próprios olhos são janelas da alma, e nesta oficina trabalharíamos a janela interior que cada um possui, e assim abri-las e compartilhá-las. Agradei a presença de todos, já enfatizando a importância de cada um estar participando, pois a cada inscrição feita já conseguia imaginá-los nesta oficina, mesmo desconhecendo alguns.

3.1 - Primeiro Momento: Percepções a partir da janela imaginária

Para este momento orientei os participantes a desenharem uma janela. A janela que habita o seu imaginário, a imagem que se forma quando falamos em janela. Disse que a partir daquele momento, não nos chamaríamos mais pelos nomes comuns, agora deveríamos usar um novo nome. Cada participante deveria criar um novo nome para si mesmo. Este momento foi importante para um diálogo inicial, desenvolvimento criativo imaginário, apreciação estética, memória, respeito a diferença e reconhecimento no desenho. Após a produção cada participante deveria apresentar a sua, falando sobre o motivo de ter desenhado a janela desta forma, qual seu novo nome e porque se inscreveu na oficina.

Inicio as apresentações das produções apresentando o grupo de criaturas imaginárias formado na oficina pelos seus nomes e idades: Alegria da manhã (55), Azeitona (30), Carol (14), Ilarious (20), James do Pêssego (23), Katy (12), Longa Vida (76), Mary Lee (20), Não sei (11), Retiscense (21), Serelepe (19), Sorvete de Morango (20) e esta que voz escreve Invencionária.

Segundo Manoel¹¹, quem descreve não é dono do assunto, mas quem inventa é. Portanto, descreverei aqui as produções das criaturas imaginárias entrelaçando com minhas análises a partir delas e do diálogo com a fundamentação teórica.

Gostaria de convidá-los a fazerem um exercício de imaginação. Antes de lerem as falas dos participantes, observem suas produções e façam uso da mesma matéria utilizada na oficina, assim a pesquisa e os participantes poderão proporcionar a você leitor, um momento de imaginação coletiva e compartilhada, aproximando-se da forma de vivência da oficina.

Vamos imaginar que este primeiro momento seja como o decorrer de um dia. Gostaria de iniciá-lo de forma agradável, para isto nada melhor que iniciar abrindo a janela da *Alegria da manhã*.



¹¹ Em DVD *Só dez por cento é mentira: a desbiografia oficial de Manoel de Barros*. Produtora: Deslimite Filmes / Artezanato Eletrônico. São Paulo, 2009.

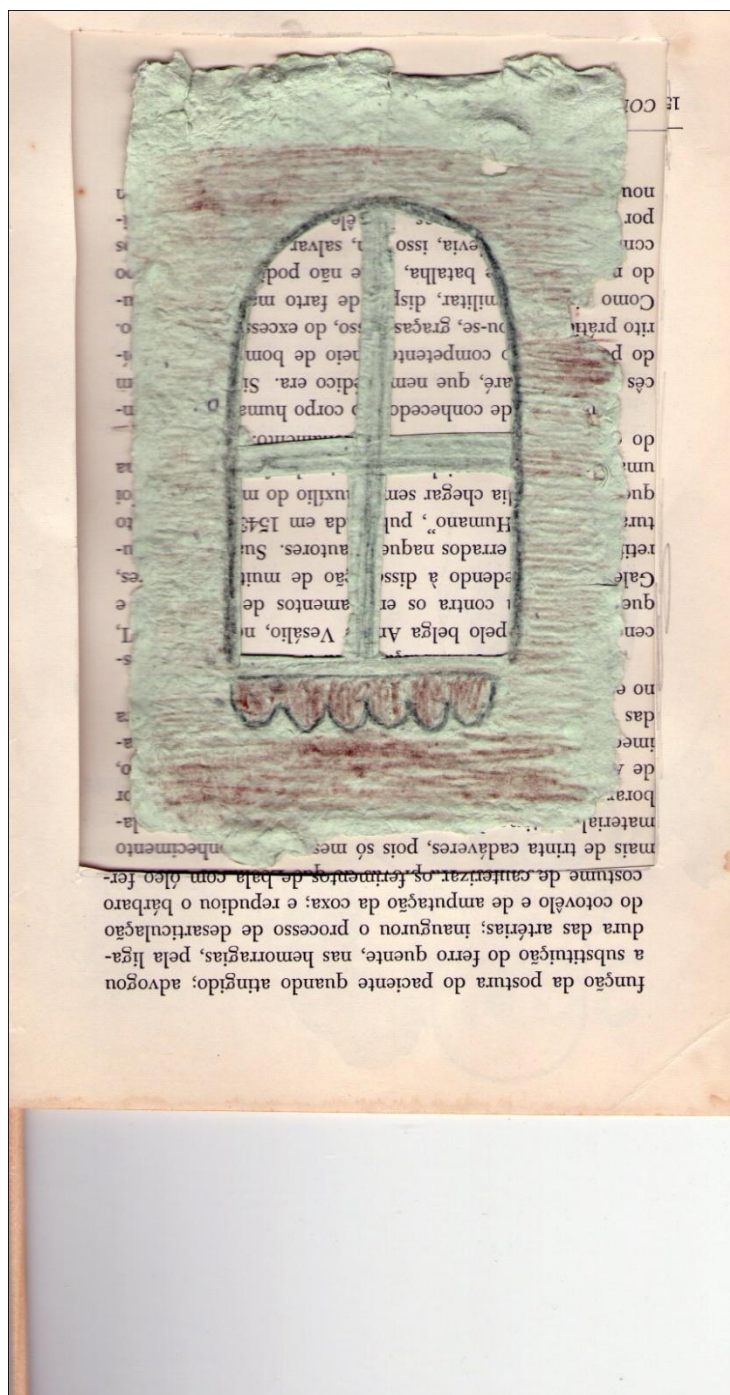
“Fiz este desenho porque é uma coisa que acontece comigo na minha casa e na praia. É uma janela e dentro é a casa do vizinho. Quando abro a janela da minha casa, o vizinho está lá na área sentado lendo jornal todos os dias. Então eu digo: Bom dia vizinho! Porque eu gosto disso. Na janela da casa também tem uma mulher, eu imaginei que esta casa também poderia ser a minha casa da praia, e quando abro a janela da cozinha, vejo a vizinha e digo: Bom dia Lurdes. Isso me faz bem, me acalma. Por isso que o meu nome é alegria da manhã.”

Podemos perceber que esta janela é uma janela oscilante, ela vive no real e no imaginário. Pois ela carrega uma história que por vezes já ocorreu e que também vive no imaginário e traz boas lembranças e sensações sempre que recordadas. É como se cada vez que a Alegria da manhã imaginasse este momento ela estivesse abrindo a janela e sentindo a alegria de encontrar os vizinhos. Imaginar o encontro com o que nos faz bem às vezes pode ser um escape para fugir da realidade, que nem sempre é esta. Mas acredito que neste caso, a manhã dificilmente acordou cinzenta, pois é notável nesta fala certa filiação regular entre real e imaginário.

Durante sua apresentação, *Alegria da manhã* provocou uma ação imaginante através de seu desenho. *Longa vida* provocou risos em todos, quando interrompeu e fez o comentário: “Querida, sua casa está torta, ela vai cair”. Não sabemos se a casa do vizinho da *Alegria da manhã* realmente é torta ou se foi algo que surge da imaginação ou da forma que foi desenhada, ou quem sabe se bater um vento imaginário ela realmente venha a cair.

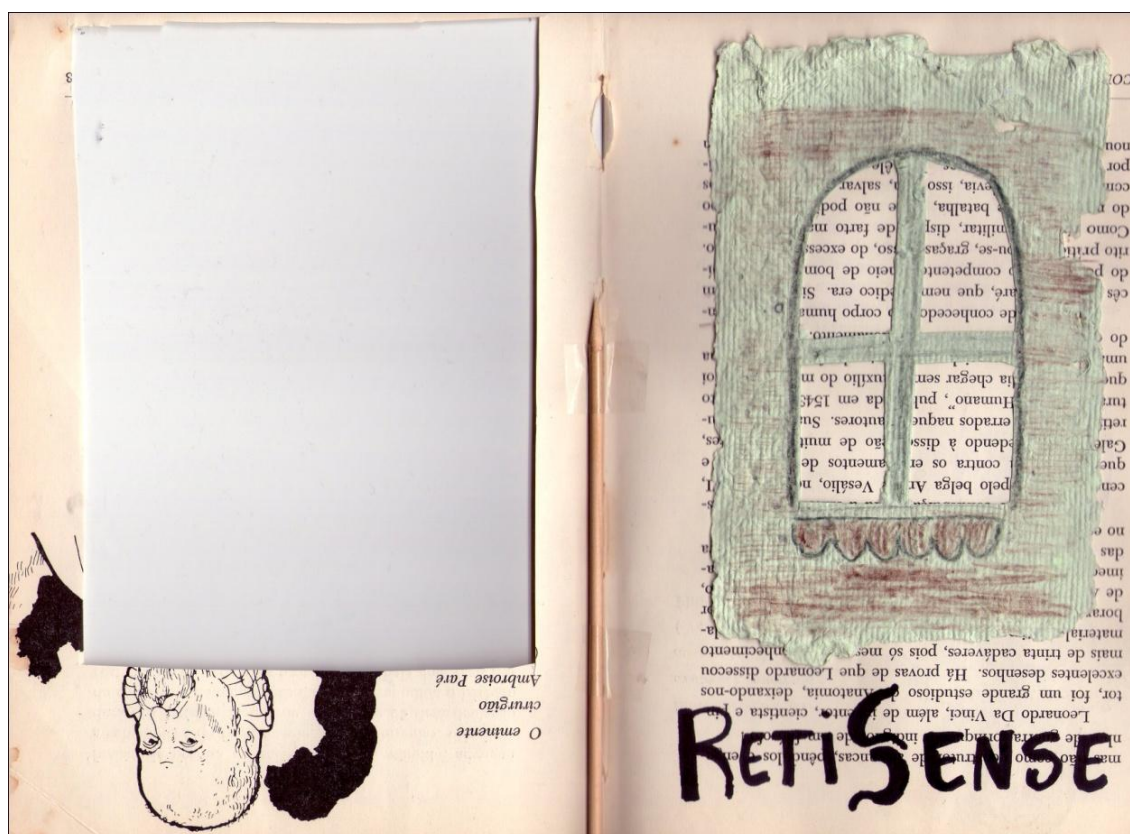
Mas este é o primeiro passo para iniciarmos o dia.

Algumas janelas se abrem pela manhã nos trazem muitos convites. Como a janela de *Retiscense*.



“Fiz esta janela porque gosto deste papel, pois ele tem um ar meio de... sei lá uma coisa meio papiro e fiz com este livro porque combinou, achei bonito. Gosto de várias palavras, de coisas amontoadas, e aí coloquei estas palavras ali atrás como se cada vez que a gente olhasse pela janela visse algo novo que a gente estivesse imaginando.”

Como diria Lulu Santos “a tanta vida lá fora”. Para *Retiscense* existem muitas coisas lá fora da janela e dentro de nossa janela também. Há muitas coisas a se ver, se pensar, se sentir. Percebemos isto não apenas pela fala, mas pela escolha de vários materiais. Esta janela também tem formato de bandeira, nos convida a erguê-la e jogar as palavras no vento. É como se a cada manhã abrísssemos nossa janela e pescássemos as palavras que formassem o nosso imaginário. As palavras que nesta produção também tem caráter de desenho.



Segundo *Retiscense* um recorte simples a frente do trabalho criou uma outra janela, percebida posteriormente ao corte, mas que dá o sentido de que uma janela pode levar a outra. O nome *Retiscense* vem do motivo de não saber qual nome usar, então originou-se de reticente e inocência. O que é notável na produção que não determina um fim, e sim um sentido de continuidade, como uma reticência.

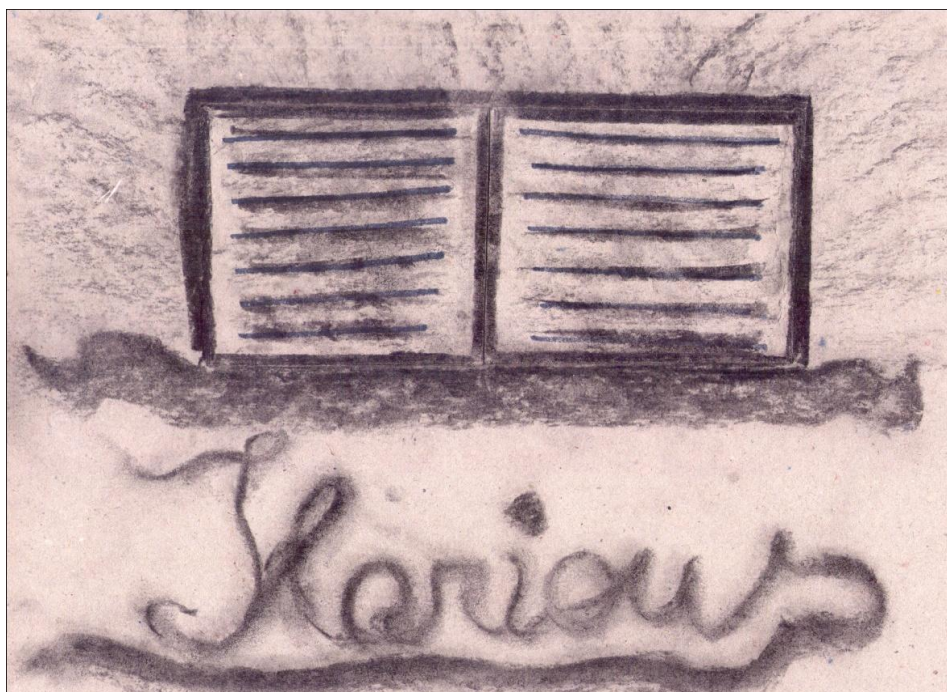
Algumas pessoas usam as janelas para revelarem-se e provocar reflexões. Este é o caso da janela do *James do Pêssego*.



“Botei o nome James do pêssego porque é um filme e uma amiga me apelidou assim há uns quatro anos. Ela é uma das poucas pessoas que não enxerga só a casca, ela enxergava um interior. Normalmente as pessoas olham e vêem isso (mostrou sua janela fechada), uma coisa sisuda, algo mais sério, e na verdade é uma coisa assim (abriu sua janela): tranqüilo e feliz. Coloquei um vestido por causa da minha faculdade. As pessoas acham que moda é futilidade, mas temos que pensar que moda pode transformar a vida das pessoas de uma maneira simples e mais feliz ao longo do tempo.”



Esta janela me lembrou a análise que Vigotski (2010) faz das relações entre realidade e imaginação, e mostra como a imaginação se apóia na experiência; como a experiência se apóia na imaginação; como a emoção afeta a imaginação e como a imaginação provoca emoções. Semelhante a esta janela, citarei *Ilarious*.



“Coloquei o nome Ilarious com referência ao meu nome. Apesar de eu me expressar de uma maneira meio escura e sombria, eu acho que sou uma pessoa divertida e engraçada, ai eu fiz uma carinha de feliz lá dentro. Quis fazer com o carvão porque é uma coisa que se a gente não impermeabilizar ele pode se modificar quando passamos a mão. Acho que sou uma coisa assim, não algo fixo. Não serei a mesma o resto da vida e já que isso é a minha representação acho que não pode ser algo que não se modifica.”



Recorte da janela aberta.

Em *Ilarious* sua base é o que já existia, a partir de então transformações ocorrem. Faz uma metáfora poética com o material utilizado que justifica as relações explicadas anteriormente que nem sempre o aparente é o real e o real pode ser imaginário, um apóia-se no outro. Então, neste momento faz-se importante compreensão e a forma de olhar de cada ser. Vigotski (2010) encontra na possibilidade humana de criação e uso de signos uma via que explicativa para o funcionamento mental, social e individual. Os signos são um meio de relação social, destaque então a importância do reflexo e da reflexão que esta proposta proporciona para o desenvolvimento humano e na formação da consciência.

Bachelard (2001) diz que uma imagem estável corta as asas a imaginação, logo a imaginação não cria apenas uma imagem, ela cria ambientes. Vejamos a composição de *Longa Vida*.



—“Olha eu não tenho estudo, ein. Eu fiz uma igreja porque a gente sem igreja não é nada. Fiz duas janelas da igreja, tem o passarinho, tem o sol, tem os anjinho, tem as flores na rua. É primavera porque tem as flores, né. Então botei meu nome de Longa Vida, com a vida que Deus me deu. Eu estou com 78 anos e feliz da vida. Eu fiz tudo que pertence a Deus. Ah! E a minha igreja tem até o padre dentro esperando o pessoal.”

Talvez, *Longa Vida* não tenha estudado na escola didática, mas na escola da vida já é graduada. Além de soltar a imaginação através de seu desenho, ultrapassou os limites do papel quando nos disse que dentro da igreja havia um padre. Olhando para o desenho, não conseguimos ver o padre. A imaginação dela ambientalizou o desenho. Isso nos ocorre quando permitimos que uma produção artística nos envolva, ou então quando deixamos de ter um olhar razoável sobre as coisas e observamos além do que se vê.

Longa Vida nos fala que desenhou tudo que pertence a Deus e inclui-se neste universo, porém se permite criar um novo mundo, o mundo que descreve e vemos em seu desenho. Este é o mundo que pertence a *Longa Vida*, é o seu ambiente imaginário.

Todas as janelas criadas representam reflexos do baú imaginário que cada um possui. Foi preciso recensear os desejos de abandonar o que se vê e o que se diz em favor do que se imagina, por isso o pedido de que desenhassem as janelas que se formam na cabeça quando falamos em janelas. E aí sim, retomar o que se vê e o que se diz para poder compartilhar a janela imaginária. Podemos perceber que todas foram frutos de um devaneio, de uma lembrança anterior, de uma emoção, uma sensação, um olhar, um gesto ou uma análise.

Girardello (2005) nos diz que a imaginação é a capacidade de olhar “através das janelas do real”(Maxine Greene), e essa forma de contemplação exige um certo ócio, momento sem pressa, em que a imaginação possa atuar plenamente, nos interstícios da percepção.

A partir desta fala, chegamos ao segundo momento.

3.2 - Segundo Momento: Eu janela de mim

Bachelard (2001) fala que possuímos jardins secretos cheios de imagens e devaneios. Freud (1987) diz que nossa imaginação é “um Parque Yellowstone”, preservado para nosso prazer futuro, quando não suportássemos a camisa-de-força da civilização. “A sensação é a de que nunca foi tão necessário que a humanidade

conseguisse imaginar como as coisas poderiam ser de modo diferente.” (Girardello, 2005, p.4)

Precisamos preservar nossos jardins secretos como espaço de ensaio e lugar potencial para a liberdade.

Para estimular o acesso aos jardins imaginários e compartilhar um pouco de cada um deles, é que este momento foi criado. O chamo de “Eu janela de mim”, pois através deste momento poderemos abrir nossas janelas e mostrar um pouco do que temos em nossos jardins.

No ambiente em que ocorreu a oficina, algumas janelas foram expostas, entre elas haviam duas suspensas. Conversei com os participantes sobre a possibilidade de haver uma imaginação coletiva. Como exemplo, citei as aprimorações de invenções, pois antes de serem criadas foram imaginadas por muitas outras mentes até que estas ramificações chegassem a quem as desenvolvesse. Mais uma vez, disse que cada um de nós pode ser uma janela e que neste momento iríamos abri-las e tentar mostrar o que se passa lá dentro ou lá fora. Quantas foram as vezes que gostaríamos de ter mostrado aos outros aquilo que esta acontecendo dentro de nossa mente? Ao menos tentamos fazer com que imaginassem a mesma coisa. Então agora, no suporte folha de transparência para projetores, iríamos buscar expor o que temos dentro de nossas janelas. E assim construiremos uma poética com as janelas da sala, realizando uma metáfora projetando as transparências dentro da janela. Socializaremos nosso imaginário e o tornaremos coletivo.

Sintam-se a vontade e olhem por estas janelas.



US

Pomarine
Testis cell
Pomarine 2007





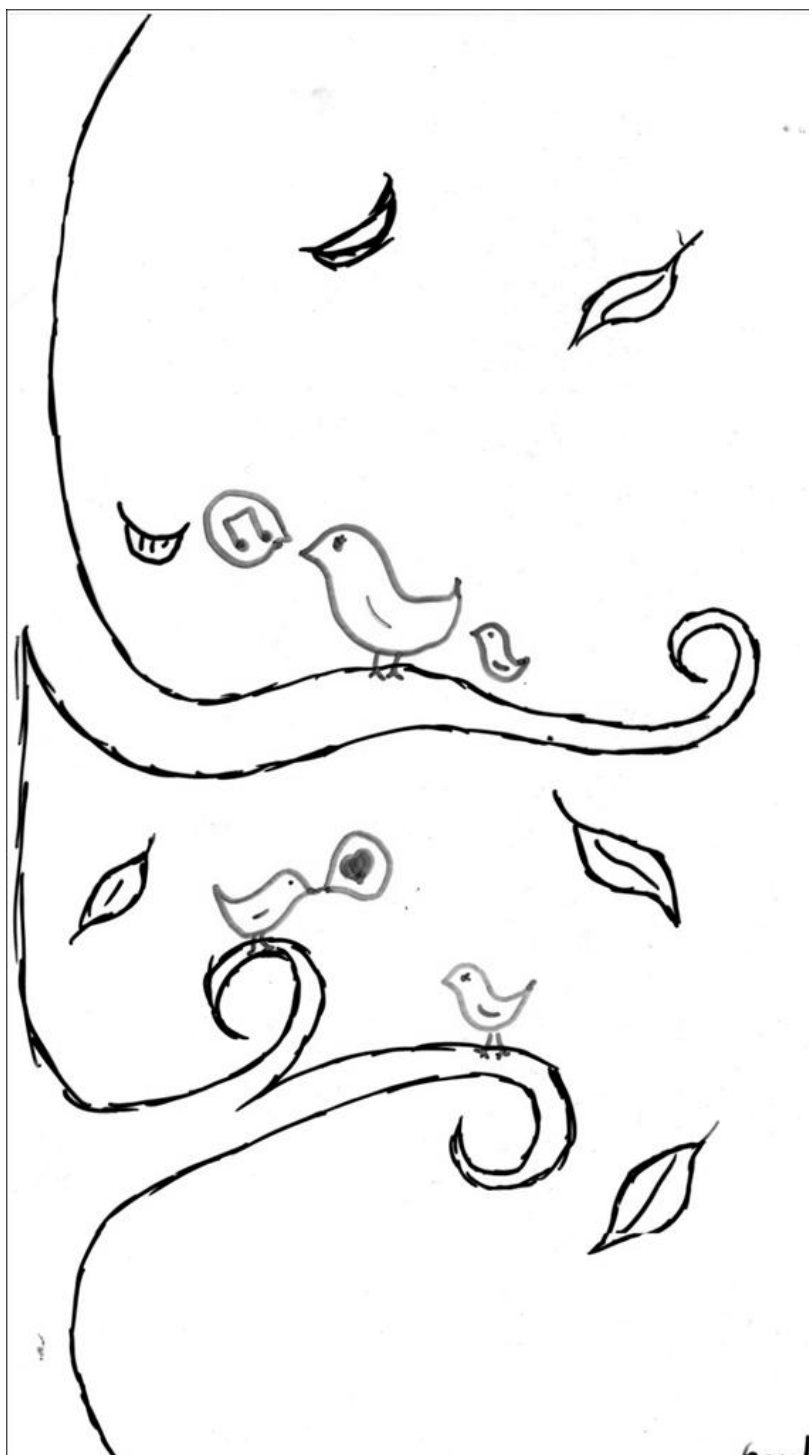
_"Quería que quando eu abrisse a janela eu visse o meu futuro, que é o que eu imagino que vou ter. Coloquei o que penso a curto prazo e maior. Que é ser professora de artes e tocar com a minha banda. Por isso que coloquei uma guitarra. E a longo prazo eu botei uma casa pois penso em morar sozinha, tem um cachorro, e ter uma combi para eu viajar com a minha banda e tocar em uns locais do estado ou do mundo com a combi. E tem que ser uma combi porque gosto de carro antigo e a combi é um carro engraçado, grande, comprido de três portas. Tem aquelas antigas que parecem que tem uma calcinha na frente. " (Ilarious)





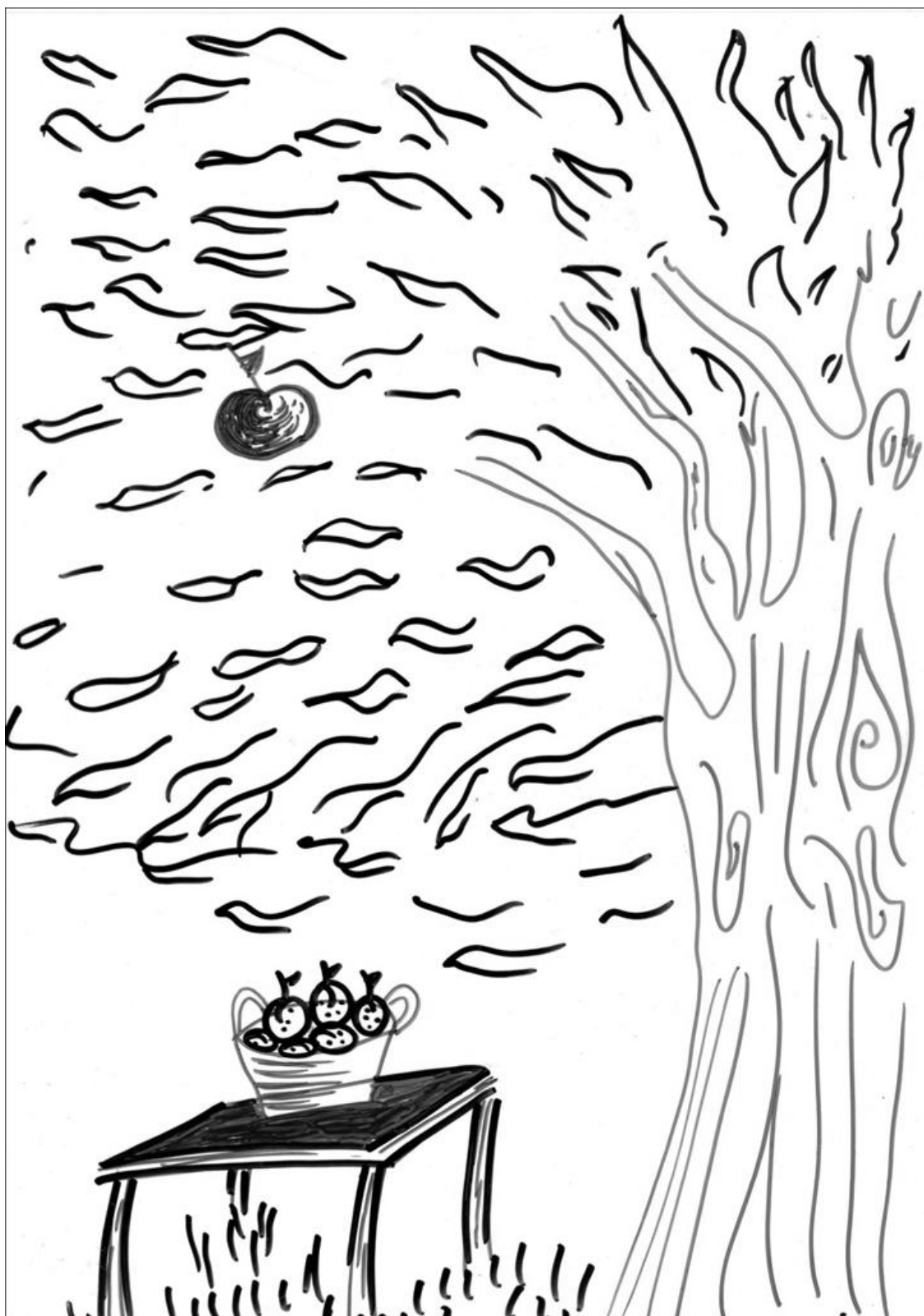
_ “A minha janela é do imaginário mesmo. Eu gostaria de abrir a minha janela e ver um mundo mágico onde eu pudesse pegar um baldinho de tinta e o pincel e poder pintar tudo que é de ruim, tudo que é escuro e colorir. Eu representei o mundo mágico como uma cartola e a varinha, as estrelinhas, os pássarinhos livres e voando porque meu tio tem na casa dele um monte de passarinho em gaiolas. Minha vontade é de abrir todas as gaiolas e deixar eles voarem essa liberdade. E o arcoiris assim porque se a gente pudesse abrir a janela e botar a mão nele.” (Sorvete de Morango)





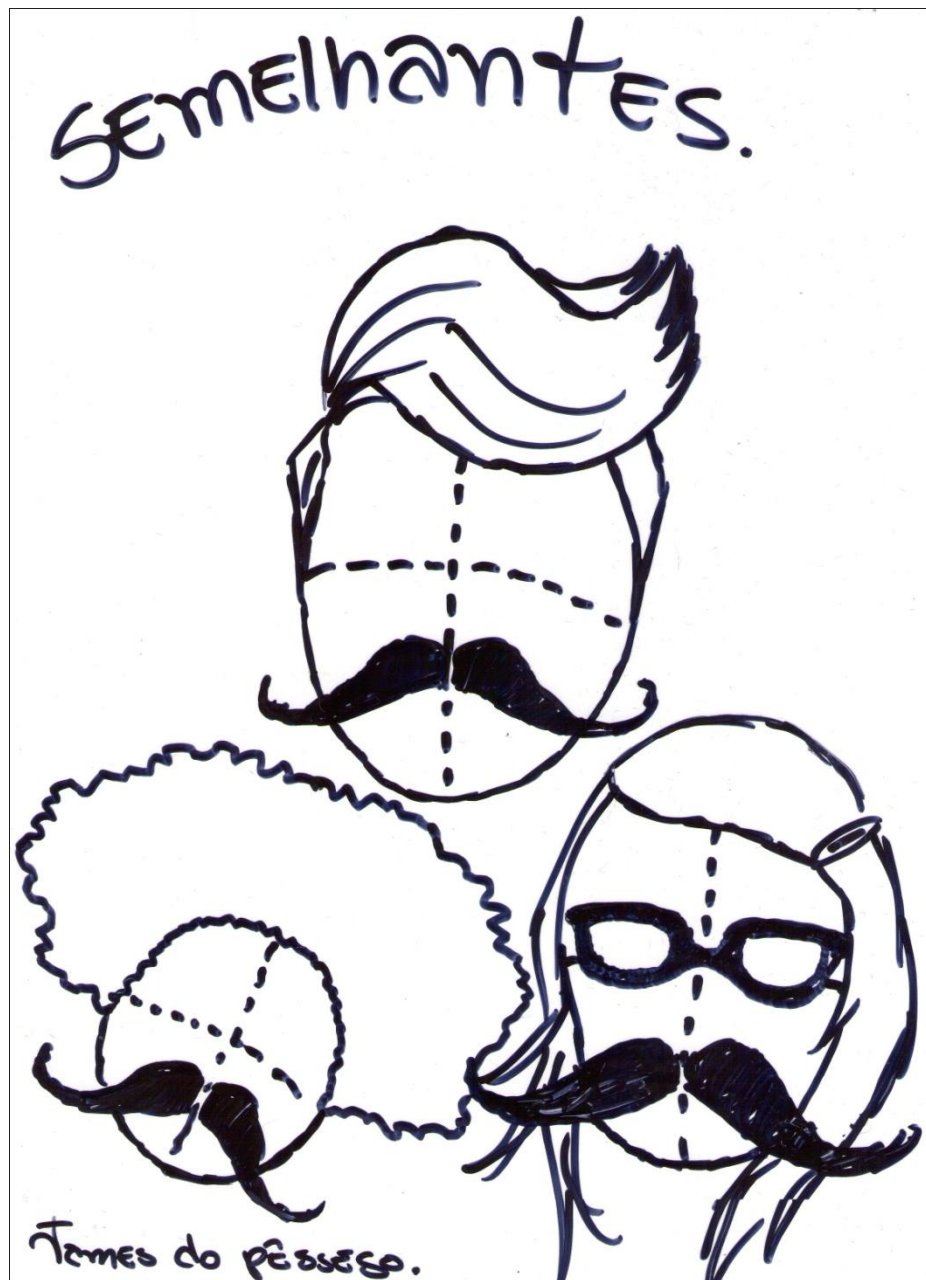
_ “Bom a minha janela é uma mistura da minha janela de verdade com a minha janela imaginária. Atrás da minha casa a gente tem muita laranjeira, conseqüentemente muitos passarinhos, e eu costumo acordar no final de semana com muito passarinho cantando. Eu imagino: Meu Deus! O que será que eles estão falando? O que os passarinhos conversam? Então a minha janela é isso, são passarinhos conversando, passarinhos namorando, um monte de passarinhos, filhotes de passarinhos, é isso.” (Serelepe)





– “A minha janela também é do futuro. Estou construindo uma casa mas moro em um apartamento com janela que só abre para um lado, eu sonho em ter um pomar. Então eu fiz ali uma árvore enorme, com pomar de laranja. Fiz uma mesa como se eu já tivesse colhido tudo.” (Azeitona)





— “Fiz três pessoas diferentes, pois vi um pensamento na televisão esses dias e achei muito legal que diz assim: se as pessoas parassem de olhar as diferenças entre elas, e começassem a olhar as semelhanças o mundo seria um lugar melhor para se viver. Então eu fiz três pessoas diferentes com uma semelhança, o bigode. É algo que eu gosto, quem me conhece já sabe disso. Eu quase não uso, mas faz parte da minha cabeça, da imaginação. Mesmo não usando é como se eu tivesse um. É uma maneira que eu gostaria que as pessoas me vissem.” (James do Pêssego)

Isso que o *James do Pêssego* nos diz é muito interessante. Qualquer pessoa ao andar pela rua já deve ter tentado se ver pelo olhar do outro. Quando alguém nos observa muito, pensamos: *Será que estou mal vestido? Me achou bonito? Feio?* A história de não ter visivelmente algo e ser aquilo, como o exemplo do bigode, também é freqüente na imaginação das pessoas. Alguns por natureza e naturalidade, em outros acontecem com efeito de entorpecentes como a bebida alcoólica. O aumento de conflitos, violência e guerras no mundo fez com que a imaginação fosse algo necessário na vida das pessoas, algumas tem esta necessidade tão forte porem não conseguem estimular isto sozinhas ou com ajuda de outras pessoas, e acabam fazendo uso de drogas.

De fato no planeta do pequeno príncipe havia como em outros planetas, ervas boas e más. Conseqüentemente, sementes más de ervas más. (Exupéry, 2004 p.22)

Não quero com esta reflexão dizer que o uso de drogas é importante para que ajude estas pessoas a acessarem seu imaginário, pelo contrário, quero dizer que esta falha na dificuldade do acesso é ligada diretamente as nossas ações. A imaginação do homem criou o avião para levar o homem aos céus, um avião pode nos dar a sensação de voar. Porém este mesmo invento foi utilizado pelo homem para invadir países, disseminar bombas, explodir prédios e acabar com milhares de vidas.

Com a guerra mundial tornou-se manifesto um processo que continua até hoje. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com a experiência transmitida de boca a boca. Não havia nada de anormal nisso. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela guerra de material e a experiência ética pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos se encontrou ao ar livre numa paisagem em que nada permanecera inalterado, exceto as nuvens, e debaixo delas, num campo de forças de torrentes e explosões, o frágil e minúsculo corpo humano. (BENJAMIN, 1994, p.198)

Por isso, faz-se importante a provocação de ações imaginantes desde a infância. Para que possamos imaginar algo diferente, como disse Freud (1987) nos livrarmos das amarras da camisa de força civil. Às vezes nos sentimos loucos por imaginarmos coisas tão diferentes, mas louca esta nossa sociedade estimulando a

imaginação para o ódio, ganância e capitalismo selvagem. Esta oficina buscou resgatar o olhar e buscar direcioná-lo novamente ao caminho de acesso ao imaginário. Metaforicamente, a imaginação pode ser um remédio para a vida. Assim como Manoel de Barros, que através de suas poesias busca resgatar as crianças que fomos e estimular a todo o momento que as verdadeiras maravilhas da vida estão na simplicidade, na ligação do homem com a natureza, da ressignificação das coisas, de sermos idiotas, esticarmos horizontes e abriremos amanheceres. Preserva-se assim, uma maior qualidade de vida. Estamos falando de humanidade, e um dos maiores pedidos dela na atualidade é a paz.

Durante o período de ditadura no Brasil, muitos artistas forçaram as amarras das camisas de força e usaram a imaginação para tentar expressar à sociedade uma visão coletiva para que não sentissem que todos estávamos assistindo a tudo sentados. O artista tem este compromisso com a sociedade de estimular através de sua obra e ativar a imaginação de seus expectadores. Conseguiu naquele tempo camuflar desabafos, mensagens que não podiam ser ditas, a liberdade que estava presa. Para a arte a liberdade busca seu sentido total, de ser livre. Através da arte podemos dar voz, pois ela não quer se calar, quer libertar a expressão. Mas este período se foi, e agora temos a liberdade de imaginar e expressarmo-nos. A escola, por exemplo, é um espaço para que esta abertura possa ser provocada desde a infância, afinal é lá que aprendemos as histórias do passado que são reflexos em nosso presente. Na sala de aula, a criação artística parte de linguagens. São as maneiras de transformar a imaginação em formas visuais.

Abro espaço para relatar uma história de *Longa Vida*.

— *“No meu jardim tem um gaiteiro e um sanfoneiro, os dois ficam ali sentados tocando. E quando eu estou triste vou lá na frente e canto com eles: você não vale nada mais eu gosto de você, você não vale nada mais eu gosto de você... Ai pronto, passa a minha tristeza.”*

Talvez os vizinhos a achem maluca. Mas penso como ela deve ser feliz dançando e cantando com os gnomos do jardim. São estas pequenas coisas que fazem com que nossa visão de mundo seja ampliada, neste momento nos

desprendemos do dito mundo normal e flutuamos no paralelo, nosso imaginário. Este é o espaço potencial onde podemos tudo na nossa imaginação e ela se constrói a partir da realidade, como neste exemplo. Este é um momento onde vemos a *filiação regular* entre o imaginário e o real sugerida por Bachelard (2001).

Falando em momentos ínfimos, partiremos para o próximo momento.

3.3 - Terceiro Momento: Exercício de achar desenhos nas coisas

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo. (Manoel de Barros, 1996, p.75)

Para este momento foi utilizado um trecho do documentário “Só dez por cento é mentira” da desbiografia de Manoel de Barros. Este trecho do documentário mostra uma viagem feita pela câmera por diferentes imagens de diferentes ambientes deixando que a nossa imaginação, a do espectador, encontre desenhos. Este momento então é baseado na ação imaginante provocada por Manoel de Barros. Propus exercitarmos nossa imaginação criativa e sonhadora.

Durante a exibição do vídeo, risadas e palavras soltas podiam ser ouvidas, os participantes diziam que haviam enxergado outras coisas além do desenho que era revelado no vídeo. Propus então que fizéssemos este exercício de achar desenhos nas coisas e que saíssemos pelo campus da universidade em busca de desenhos perdidos.

Sou hoje um caçador de achadouros da infância. Vou meio dementado e enxada às costas cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos. (Manoel de Barros, 2010)

Alguns participantes saíram pelo campus juntos para dividirem o equipamento fotográfico. Ao capturarem a imagem, eles retornavam à sala para que pudéssemos fazer a impressão da fotografia. Com todas as fotografias em mãos entreguei a eles uma pasta plástica para que colocassem o desenho dentro e desenhassem com caneta permanente o desenho que encontraram sobre a imagem na superfície plástica. Depois disso iniciamos a apresentação destas produções. Primeiramente o participante mostrava apenas a fotografia da imagem capturada,

após um momento de apreciação, tentativa de descobertas e imaginação coletiva, a imagem vista pelo participante era revelada virando a folha plástica sobre a fotografia. Este foi um momento divertido, como uma brincadeira de criança.

Vejamos agora o que a imaginação dos participantes encontrou por aí.



_"Ninguém viu nada? Olha ali que fofo. Gente é um caracol." (Mary Lee)





_"Era para ser um rato mas saiu um jacaré." (Azeitona)





_"Eu vi de vários jeitos mas na verdade é assim. E... é um cavalo. Todo torto, mas é um cavalo." (Carol)



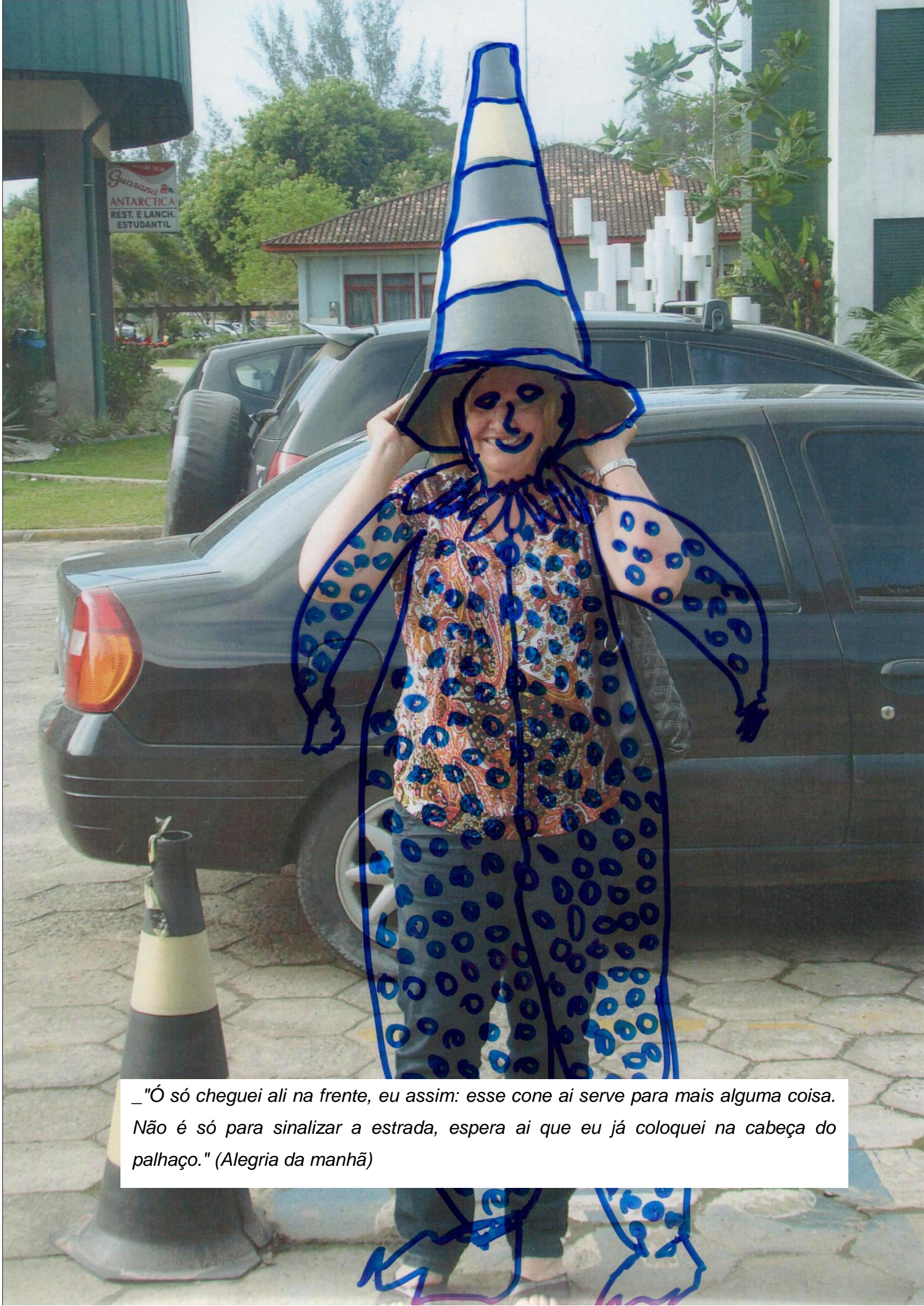


_"Primeiro eu pensei: vou lá no meio das flores pois lá deve estar cheio de coisas. Mas fui até lá e fiquei um tempo e não achei. Dai vim mais pra cá e achei algo. Achei um peixe." (Sorvete de Morango)





Guarani &
ANTARCTICA
REST. E LANCH.
ESTUDANTIL



_"Ó só cheguei ali na frente, eu assim: esse cone ai serve para mais alguma coisa. Não é só para sinalizar a estrada, espera ai que eu já coloquei na cabeça do palhaço." (Alegria da manhã)

Muitas coisas eram para ser uma coisa e acabaram virando outras coisas. Esta foi uma das justificativas que mais ouvimos neste exercício. Alguns por não conseguirem desenhar fielmente aquilo que estava em seu imaginário no papel e outros por que viram mais coisas além do que a primeira imagem.

O fogo, o ar, a água e a terra são os "harmônios da imaginação", dizia Bachelard. A partir deste repertório de experiências, imagino uma proposta de curso.

TÍTULO: Imaginhada

JUSTIFICATIVA: Um lugar, um momento, o vento, o cheiro, as cores, a luz, o corpo, todo espaço e sua ocupação são lugares para a imaginação.

OBJETIVO GERAL

Estimular através desta proposta um exercício à imaginação buscando uma filiação regular entre imaginário e real.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Exercitar o ínfimo e a grandeza;
- Estimular a imaginação a partir do cotidiano;
- Encontra uma imanência entre real e imaginário;
- Sentir-se dentro e fora do universo;

EMENTA

Imaginação; Arte; Sentidos; Cotidiano; Percepção; Ludicidade; Vida;

Carga-horária – O tempo é seu. Aproveite o quanto quiser.

Público alvo – Todos os que sentirem vontade.

METODOLOGIA

Esta é uma proposta simples e que pode ser realizada por qualquer ser, até mesmo por cachorros e pássaros, talvez eles estejam mais habituados a este

tipo de exercício. Esta proposta foi feita para a educação em escolas formais e escolas da vida. A chamo de Imaginhada, uma caminhada imaginária.

A proposta consiste em reservar um momento apenas para soltar a imaginação. Retirar a imaginação do armário e dar a ela suas asas.

Durante o percurso dos trajetos cotidianos temos o hábito de ver apenas por que precisamos passar pelos locais até chegarmos onde queremos. Esta proposta é um convite a observar e sentir melhor o que não quer ser visto e sentido por pessoas razoáveis.

Vamos imaginar que sou uma cozinheira dos tempos e gosto de preparar atmosferas. Descreverei a metodologia em forma de receita, como se esta fosse à receita para conseguirmos chegar ao nosso imaginário. Porém sintam-se à vontade para fazer alterações á gosto. Esqueçam a razão, como diz Manoel (2009) “os meus versos são todos contra a razão”. A Imaginhada é contra a razão, está é a regra que deve ser respeitada.

Receita para uma boa Imaginhada

- Reserve o período do dia que você mais gosta;
- Acrescente um pouco de sonhos e coisas boas no coração;
- Agora coloque uma roupa e calçado confortáveis (se preferir vá descalço);
- Se preferir, coloque uma música;
- Se for preguiçoso, aproveite sua preguiça e faça a Imaginhada de ônibus;
- Se sua memória estiver fraca, pode levar uma câmera fotográfica ou filmadora, talvez você queira ver mais vezes o que vai encontrar;
- Se você for cego, escreva ou grave o som para não esquecer;
- Coloque seus óculos imaginários, você vai precisar deles para ver melhor;
- Esqueça as preocupações em casa e se possível só lembre-se delas no dia seguinte;
- Você pode convidar amigos para uma Imaginhada coletiva;
- Se você for professor, proponha uma Imaginhada aos seus alunos;
- Escolha um lugar qualquer para fazer a Imaginhada;
- Não esqueça de observar, escutar, respirar fundo, e movimentar-se.
- Estão prontos? Então soltem as asas da imaginação e sigam.

A Imaginhada é uma proposta que busca provocar e oportunizar um momento inusitado que deveria ser comum na vida das pessoas. Espero que após esta experiência, a Imaginhada não seja apenas um exercício momentâneo, que ela passe a ser parte do cotidiano e que possa tornar o mesmo mais agradável. O mundo é muito grande e cheio de coisas para serem vividas. Esta imaginação solta, que a Imaginhada procura, nos fará sentir que ao mesmo tempo que somos um grão de areia no mundo, podemos ser gigantes sobre pés de feijões¹². E por vezes, sentirmo-nos em outro planeta.

Referencias da proposta

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos: ensaio** sobre a imaginação do movimento. – 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

¹² Referencia ao livro *João e o pé de feijão* de Benjamin Tabart ,1807.

4 O QUE VI POR ESTAS JANELAS

Foi possível perceber nesta pesquisa que as janelas imaginárias foram abertas e os sonhos podiam ser vistos por elas. Uma janela que se abriu e mostrou tantas outras janelas, algumas já abertas, outras escondidas, outras intimidades,...., da diversidade de janelas ficou o respeito, o reconhecimento, as idéias, os sonhos, as criações, e por fim, de todos os individuais um coletivo. Poderia dizer que formamos um belo edifício com muitas janelas. Quantas vidas vivem dentro de cada janela? Janelas também são misteriosas. Com poesia e estímulo á imaginação. A “janela de mim” que cada um possui foi aberta. Através de recortes busquei explorar e expor o máximo da oficina “Eu janela de mim”, pois dentro do espaço e tempo que dispus para esta pesquisa não cabem todas as experiências vivenciadas. Esta pesquisa por si só é janela, pois a partir do olhar de cada pessoa ele se abre em diferentes possibilidades. Estas experiências não usadas ficarão guardadas em meu baú e a qualquer momento podem ser abertas e fazerem parte de outras pesquisas e outras histórias, pois tudo é potência.

Para mim, um dos resultados desta janela, ou desta pesquisa, se deu com o final da oficina. As entrelinhas que se mostraram e surgiram das janelas imaginárias de cada um em particular e de todos nós num gratificante coletivo.

O resultado deste trabalho também se dá a partir da leitura, reflexões e percepções geradas através desta produção. Pois um dos objetivos foi o de provocar a ação imaginante e mostrar que há espaço para o real e o imaginário em nossas vidas, e encontrar uma imanência entre os dois é um ativo para uma vida melhor.

Concluo esta pesquisa com um aumento considerável em meu baú de memórias e imagens, e com mais vontade de mergulhar nas águas imaginárias. Com a certeza de que algumas vezes não estarei sozinha, alguns dos parceiros de oficina, alguns leitores e amigos com certeza estarão fazendo parte deste coletivo aqui estimulado durante todo esse processo.

Esta pesquisa não acaba aqui, cada um que passar por estas páginas fará um extensivo imaginário. Pois o desejo é de que não fiquem só aqui, que a partir deste momento vocês possam continuar olhando as coisas e encontrando

desenhos nelas; que continuem tentando projetar a imagem e a expressão que quiserem em algum lugar para que possam ser compreendidos, seja através da arte ou de outros meios; porque a arte nos proporciona isto, através da expressão nós podemos nos comunicar e compartilhar muitas coisas que gostaríamos que fossem vistas ou sentidas, ou proporcionar outras que nem imaginávamos que poderíamos trazer à tona. Isto também é uma tarefa do artista e do professor-artista, afetar, provocar uma ação imaginante.

Se boa parte dos participantes da oficina relatou que estavam ali por conhecerem minha produção como professora-artista é porque esta criatura imaginária que vos escreve, já estava há muito tempo realizando esta pesquisa. E que agora não deixa fechada esta janela, mas abre muitas outras.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos: ensaio** sobre a imaginação do movimento. – 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001

BARROS, Manoel de. **Gramática Expositiva do Chão**. 2ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira AS, 1990.

BARROS, Manoel de. **Memória inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

BARROS, Manoel de. **O livro sobre nada**. 2ªed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BARROS, Manoel de. **O retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

COLI, Jorge. **O que é arte**. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FREUD, Sigmund: "A Interpretação dos Sonhos", parte II, Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, vol.V, Imago, Rio de Janeiro, 1987.

GIRARDELLO, Gilka. **O florescimento da imagina**: crianças, histórias e TV. I Seminário Educação, Imaginação e as Linguagens Artístico-Culturais. Florianópolis, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NOVAES, Carlos Eduardo. **O menino sem imaginação**. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1996.

QUINTANA, Mario. O livro de haicais. Editora Globo: Rio de Janeiro, 2009.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. 36 ed. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 2004

VIGOSTKI, Lev S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Editora Ática, 2010.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. 3. ed. rev. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2006.

APENDICES

Material de divulgação da oficina.

o f i c i n a

eu janela de mim
um olhar para a imaginação de crianças e adultos

com Deise Pessi

Imaginar é preciso!

Portanto crianças de zero á mil anos estão convidadas a participar desta oficina baseada em fatos irreais.

Juntos vamos descobrir nossas janelas, resgatar as crianças perdidas no quintal da infância, fazer exercício de encontrar coisas, e descobrir como nossa mente pode ser um projetor de slides. Tudo isso, com muita imaginação.

Você vai ver como imaginação não é só coisa de louco.

Inscriva-se!

«Quem perder se arregalou-se!»

Publico alvo: Crianças da primeira, segunda e terceira idade.
(Crianças e adultos)

DATA: **14/10/2011**
HORA: **13H30**
LOCAL: Unesc - Bloco Z - Sala 04

Inscrições antecipadas pelos telefones (48) 3431-2564 ou (48) 9625-5542 até o dia 13/10/2011.

20 vagas disponiveis.

Oficina gratuita.

Material para oficina:
- Câmera fotográfica digital, quem tiver, leve.
- Se não tiver, lá vamos ter algumas.
- Não se preocupe.
- Leve sua imaginação e não esqueça suas asas.

